

A Veneração Ortodoxa da Mãe de Deus

por São João Maximovitch



Ícone de São João Maximovitch, Taumaturgo e Arcebispo de Xangai e San Francisco.

Sumário

I - Introdução	7
II - A Veneração da Mãe de Deus durante Sua Vida Terrena	18
III - Os Primeiros Inimigos da Veneração da Mãe de Deus	23
IV - Tentativas dos Judeus e Hereges de Desonrar a Sempre Virgem Maria	28
V - A Heresia Nestoriana e o Terceiro Concílio Ecumênico	36
VI - Tentativas dos Iconoclastas de Diminuir a Glória da Rainha do Céu: Eles são levados a Vergonha	46
VII - Zelo sem Conhecimento	51
VIII - A Veneração Ortodoxa da Mãe de Deus	68
IX - Akathistos	77

Introdução

A Teologia Ortodoxa do Arcebispo João Maximovitch

Pelo Padre Seraphim Rose de Platina

HÁ NÃO MUITOS anos atrás a Abadessa de um convento da Igreja Ortodoxa Russa no Exterior, uma mulher de vida justa, estava dando um sermão na igreja do convento na festa da Dormição da Santíssima Mãe de Deus. Com lágrimas ela implorou às suas freiras e peregrinos que haviam vindo para que aceitassem inteiramente e de todo o coração o que a Igreja nos dá, esforçando-se tanto para preservar essa tradição sagrada durante todos esses séculos—e não escolhendo o que é “importante” e o que é “dispensável”; pois se achando mais sábio que a tradição, pode-se acabar perdendo a tradição. Então, quando a Igreja nos diz em seus hinos e ícones que os Apóstolos foram miraculosamente reunidos dos confins do mundo para estarem presentes no repouso e enterro da Mãe de Deus, nós, como Cristãos Ortodoxos, não somos livres para negar ou reinterpretar isso, mas devemos acreditar como a Igreja nos dá isso, com a simplicidade do coração.

Um jovem Ocidental que havia aprendido russo estava presente quando esse sermão foi dado. Ele mesmo havia pensado sobre esse assunto, tendo visto os ícones no estilo iconográfico tradicional ilustrando os Apóstolos sendo transportados nas nuvens para presenciar a Dormição da Theotokos; e ele havia feito a si mesmo a seguinte pergunta: devemos entender isso “literalmente”, como um evento milagroso, ou apenas em uma

forma “poética” de expressar a reunião dos Apóstolos para esse evento... ou talvez até como uma forma imaginativa ou “ideal” de um evento que na verdade nunca ocorreu? (Estas são, de facto, algumas questões que os “teólogos Ortodoxos” se ocupam nos dias de hoje). As palavras da justa Abadessa, então, atingiram-no no coração, e ele entendeu que havia algo mais profundo na recepção e compreensão da Ortodoxia do que as nossas mentes e sentimentos nos dizem. Naquele instante a tradição estava sendo entregue a ele, não de livros, mas de um vaso vivo que o continha; e isso deveria ser recebido, não pela mente ou pelos sentimentos, mas acima de tudo, pelo coração, que dessa forma passa a receber um profundo treinamento na Ortodoxia.

Mais tarde esse jovem converso encontrou, em pessoa ou através da leitura, muitas pessoas que eram instruídas na teologia Ortodoxa. Eles eram os “Teólogos” de nossos dias, aqueles que estiveram em escolas Ortodoxas e se tornaram especialistas teológicos. Eles geralmente estavam muito ansiosos para falar sobre o que era Ortodoxo e o que era não-Ortodoxo, o que era importante e o que era secundário na própria Ortodoxia; e alguns deles se orgulhavam em serem “conservadores” ou “tradicionalistas” na fé. Mas em nenhum deles ele sentiu a autoridade da simples Abadessa que havia falado com seu coração, não instruída como ela era em tal “teologia”.

E no coração desse converso, ainda em passos de bebê na Ortodoxia, ansiava por saber *como acreditar*, o que também significa *em quem acreditar*. Ele era muito uma pessoa do seu tempo e própria educação para ser apto a simplesmente negar sua própria razão e aceitar cegamente tudo que lhe era dito; e é muito evidente que a Ortodoxia não demanda isso de alguém—os próprios escritos dos Santos Padres são uma memória viva da razão humana iluminada pela graça de Deus. Mas também era

óbvio que havia algo faltando nos “teólogos” de nossos dias, que para toda a sua lógica e conhecimento dos textos Patrísticos, não permitiam saborear ou sentir a Ortodoxia tão bem e simples quanto uma Abadessa teologicamente inculta.

Nosso converso encontrou o fim de sua busca—a busca por contato com a verdadeira e viva tradição Ortodoxa—no Arcebispo João Maximovitch. Pois aqui ele encontrou alguém que era um teólogo erudito na “velha” escola e ao mesmo tempo estava a parte de todo o criticismo daquela teologia que havia sido criada pelos críticos teológicos de nosso século, e era capaz de usar sua afiada inteligência para encontrar a verdade onde ela pode ser disputada. Mas ele também possuía algo que nenhum outro sábio “teólogo” de nosso tempo parecia possuir: a mesma simplicidade e autoridade que a piedosa Abadessa tinha transmitido ao coração do jovem que buscava por Deus. Seu coração e sua mente foram conquistados: não porque o Arcebispo João tornou-se para ele um “especialista infalível”—pois a Igreja não conhece certa coisa—mas porque ele viu nesse Arcebispo um modelo de Ortodoxia, um verdadeiro teólogo cuja teologia precedia de uma vida santa e raízes totais na tradição Ortodoxa. Quando ele falava, suas palavras eram confiáveis—embora ele cuidadosamente as distinguia entre os ensinamentos da Igreja, que são certos, e suas próprias opiniões pessoais, que podem estar erradas, e ele não forçou ninguém a essas últimas. E o jovem converso descobriu que, para toda a agudeza intelectual e habilidade crítica do Arcebispo João, suas palavras muito mais vezes concordavam com aquelas da simples Abadessa do que com aquelas dos cultos teólogos de nosso tempo.

OS ESCRITOS TEOLÓGICOS do Arcebispo João pertencem a nenhuma distintiva “escola”, e eles não revelam a extraordinária “influência” de qualquer teólogo do passado

recente. É verdade que o Arcebispo João foi inspirado a teologizar, tanto quanto a se tornar um monge e entrar para o serviço da Igreja, por seu grande professor, o Metropolita Anthony Khrapovitsky; e também é verdade fez sua própria interpretação da ênfase do professor sobre o “retorno aos Pais” e a uma teologia ligada a vida espiritual e moral, ao invés de acadêmica. Mas os escritos teológicos do próprio Metropolita Anthony são diferentes em tom, intenção, e conteúdo: ele era muito mais envolvido com o mundo acadêmico teológico e com a intelectualidade de seu tempo, e muitos de seus escritos são dedicados a argumentos e apologias que seriam compreendidos para esses elementos da sociedade que ele conhecia. Os escritos do Arcebispo João, por outro lado, estão de certa forma desprovidos dessa apologética e aspecto de disputa. Ele não discutia, ele simplesmente apresentava o ensinamento Ortodoxo; e quando era necessário refutar falsas doutrinas, como especialmente em seus dois longos artigos sobre a Sofiologia de Bulgarov, suas palavras eram convincentes não pela virtude da argumentação lógica, mas sim pelo poder de sua apresentação dos ensinamentos Patrísticos em seus textos originais. Ele não falava ao mundo acadêmico ou culto, mas para a incorrupta consciência Ortodoxa; e ele não falava de um “retorno aos Pais”, pois o que ele mesmo escrevia era simplesmente a tradição patrística, sem tentativas de apologias.

As fontes da teologia do Arcebispo João são bem simples: Escritura Sagrada, os Santos Padres (especialmente os grandes Padres dos séculos IV e V), e—mais distintivamente—os Divinos serviços da Igreja Ortodoxa. Essa última fonte, raramente utilizada em tal extensão por teólogos dos últimos séculos, nos dá uma noção prática, não acadêmica, da teologia do Arcebispo João. É óbvio que ele estava completamente imerso nos Divinos serviços da Igreja e que sua inspiração teológica veio especialmente dessa

primária fonte Patrística que ele absorveu, não em horas de lazer definidas por teologizar, mas nessa prática diária de *estar presente em todo Divino serviço*. Ele bebia da teologia como parte integral de sua vida diária, e foi isso, sem dúvidas, mais do que seus estudos teológicos formais, que o fizeram um teólogo.

É compreensível, portanto, que não se encontrará o Arcebispo João em nenhum “sistema” teológico. Certamente, ele não protestou contra os grandes trabalhos da “teologia sistemática” que o século XIX produziu na Rússia, e ele fez uso livre do catecismos sistemáticos desse período em seu trabalho missionário (como, em geral, os grandes hierarcas dos séculos XIX e XX fizeram, tanto na Grécia quanto na Rússia, vendo nesses catecismos excelente auxílio para o trabalho da iluminação Ortodoxa entre as pessoas); nesse aspecto ele estava acima das modas e partidos dos teólogos e estudantes, tanto do passado quanto do presente, que estão um pouco presos a particular maneira na qual a teologia Ortodoxa é apresentada. Ele mostrou igual respeito ao Metropolita Anthony Khrapovitsky com sua ênfase “anti-Occidental”, e ao Metropolita Peter Mogila com sua suposta excessividade de “influência Ocidental”. Quando os defeitos de um ou de outros desses grandes hierarcas e defensores da Ortodoxia eram apresentados a ele, ele fazia apenas um gesto depreciativo com a mão e dizia, “não é importante”—porque ele sempre tinha em sua visão, antes de tudo, a grande tradição Patrística na qual esses teólogos estavam constantemente transmitindo, apesar de seus erros. Nesse aspecto, ele tem muito a ensinar aos jovens teólogos de nossos dias, os quais abordam a teologia Ortodoxa em um espírito que é muitas das vezes muito teórico e muito polêmico ou partidário.

Para o Arcebispo João as “categorias” teológicas até dos mais sábios escolásticos teólogos eram “não importantes”—ou

melhor, elas eram importantes apenas na medida em que comunicavam um real sentido e não se tornavam apenas uma questão de aprendizagem mecânica. Um incidente de seus anos em Xangai vividamente revelam a liberdade de seu espírito teológico: uma vez quando ele estava atendendo as examinações orais da classe de catecismo sênior da escola de sua catedral, ele interrompeu a perfeita recitação por um pupilo de uma lista de Profetas Menores do Velho Testamento com uma abrupta e categórica fala: “*Não existem profetas menores.*” O padre-professor dessa classe estava compreensivelmente ofendido com essa aparente depreciação de sua autoridade de ensino, mas provavelmente os estudantes lembram até hoje essa estranha disrupção das “categorias” do catecismo normal, e possivelmente alguns deles entenderam a mensagem que o Arcebispo João tentou passar: com Deus *todos* os profetas são grandes, são “maiores”, e esse fato é mais importante que todas as categorias de nossos ensinamentos sobre eles, porém esses são válidos. Em seus escritos teológicos e sermões também, o Arcebispo João frequentemente muda o discurso que nos mostra um aspecto inesperado ou um significado mais profundo do assunto que está sendo discutido. É óbvio que para ele a teologia não é uma meramente humana, terrena disciplina, cujas riquezas se esgotam por nossas interpretações racionais, ou em que podemos nos tornar “especialistas” auto-satisfeitos,—mas sim algo que aponta para o céu e que deve atrair nossas mentes para Deus e para as realidades celestiais, que não estão conectadas aos nossos sistemas lógicos de pensamento.

Um notável historiador da Igreja Russa, N. Talberg, sugeriu (na *Crônica* do Bispo Savva, ch. 23) que o Arcebispo João deve ser interpretado primeiramente como “um louco por amor Cristo que permaneceu assim mesmo na hierarquia episcopal”, e

nesse aspecto o compara a São Gregório, o Teólogo, que também não se conformava, de maneiras similares ao Arcebispo João, a “imagem” padrão de um bispo. É sua “loucura” (pelos padrões do mundo) que dão um tom característico aos escritos teológicos, tanto de São Gregório quanto do Arcebispo João: uma certa desconexão da opinião pública, o que “todos pensam” e então o pertencimento a nenhum “partido” ou “escola”; a abordagem das questões teológicas a partir de uma exaltada, não acadêmica, visão, e assim com uma evitação saudável das disputas mesquinhas e do espírito briguento; as frescas e inesperadas reviravoltas de pensamento que tornam seus escritos teológicos, antes de tudo, uma fonte de inspiração, e um verdadeiramente profundo entendimento da revelação de Deus.

Talvez, acima de tudo, se impressione com a absoluta *simplicidade* dos escritos do Arcebispo João. É óbvio que ele aceita a tradição Ortodoxa de maneira reta e absoluta, sem pensamentos “duplos” sobre como alguém pode acreditar na tradição e ainda ser um “sofisticado” homem moderno. Ele tinha noção do “criticismo” moderno, e se perguntado ele poderia dar suas eloquentes razões para não aceitá-lo na maioria de seus pontos. Ele estudou minuciosamente a questão da “influência Ocidental” na Ortodoxia nos séculos recentes e tinha uma visão bem balanceada sobre isso, cuidadosamente distinguindo entre o que deveria ser rejeitado completamente como estranho à Ortodoxia, o que é para ser desencorajado mas sem “fazer barulho” sobre, e o que deve ser aceito como condução à verdadeira vida e piedade Ortodoxa (um ponto que é especialmente revelador sobre a falta de “opiniões pré-concebidas” do Arcebispo João, e seu teste de tudo pela Ortodoxia). Mas apesar de todo esse conhecimento e exercício de julgamento crítico, ele continuou a acreditar simplesmente na tradição Ortodoxa, assim como a Igreja nos havia dado. A maioria

dos teólogos Ortodoxos de nossos tempos, mesmo se tenham escapado dos piores efeitos da mentalidade da Reforma Protestante, ainda veem a tradição Ortodoxa através dos espectros do ambiente acadêmico aos quais estão acostumados; mas o Arcebispo João estava “acostumado” primeiramente, e antes de tudo, com os serviços da igreja na qual ele passava muitas horas todos os dias, e assim o tom do racionalismo (não necessariamente no mau sentido) até mesmo dos melhores teólogos acadêmicos era totalmente ausente em seus pensamentos. Em seus escritos não haviam “problemas”; suas usualmente numerosas notas de rodapé eram apenas para informar onde os ensinamentos da Igreja poderiam ser encontrados. Nesse aspecto ele é absolutamente alguém com a “mente dos Pais”, e ele aparece em nosso meio como um deles, e não apenas como um comentador da teologia do passado.

Os escritos Teológicos do Arcebispo João, impressos em vários periódicos de igrejas por quatro décadas, ainda não foram reunidos em um só lugar. Aqueles atualmente disponíveis à Irmandade de São Herman do Alaska irão preencher um volume de pouco mais de 200 páginas. Seus escritos mais longos pertencem, na maior parte, aos seus primeiros anos como hieromonge na Iugoslávia, onde ele já era apontado como notável entre os teólogos Ortodoxos. Especialmente valiosos são seus dois artigos sobre a Sofiologia de Bulgarov, um deles revelando de forma convincente, de uma maneira muito objetiva, a total incompetência de Bulgarov como um escolástico Patrístico, e o outro de ainda mais valor sendo uma exposição clássica da verdadeira doutrina Patrística da Sabedoria Divina. Entre seus últimos escritos deve-se mencionar seu artigo sobre a iconografia Ortodoxa (onde, incidentalmente, ele se mostra com muito mais noção do que seu professor, o Metropolita Anthony, sobre a

questão da “influência Ocidental” no estilo iconográfico); a série de sermões intitulado “Três Festas Evangélicas”, onde ele descobre o significado mais profundo de algumas das festas “menores” da igreja; e o artigo “A Igreja: o Corpo de Cristo”. Seus curtos artigos e sermões são profundamente teológicos. Um sermão se inicia com um “Hino para Deus” de São Gregório, o Teólogo, e continua, no mesmo exaltado, e Patrístico tom, como uma acusação inspirada contra a laicidade moderna; outro, dado em uma Sexta-Feira Santa, em 1936, é um endereço móvel para Cristo deitado no sepulcro, em um tom digno do mesmo Santo Padre.

Começamos essa série de traduções com a clássica exposição do Arcebispo João sobre a veneração Ortodoxa da Mãe de Deus, e os principais erros que a atacaram. Seu maior capítulo é uma clara e impressionante refutação do dogma Latino da “Imaculada Conceição”.



São João como hieromonge em 1927, no tempo em que escrevia esse livro.

I

A Veneração da Mãe de Deus durante Sua Vida Terrena

DOS TEMPOS APOSTÓLICOS até os nossos dias todos que amaram a Cristo veneravam à Ela que deu à luz a Ele, que O criou e protegeu nos dias de Sua infância. Se o Deus Pai a escolheu, Deus Espírito Santo desceu sobre Ela, e o Deus Filho habitou n’Ela, e se submeteu a Ela nos dias de Sua juventude, e se preocupava com Ela quando estava sofrendo na cruz – não deve então todos que professam a Santa Trindade venerá-La?

Ainda nos dias de Sua vida terrena os amigos de Cristo, os Apóstolos, manifestaram grande preocupação e devoção pela Mãe do Senhor, especialmente o Evangelista João, o Teólogo, que, cumprindo a vontade do Seu Divino Filho, levou-a para si e cuidou dela como mãe desde o Senhor lhe proferiu na Cruz as palavras: “Eis aí tua mãe”.

O Evangelista Lucas pintou um grande número de imagens d’Ela, algumas com o Filho Pré-Eterno, outras sem Ele. Quando ele levou elas e as mostrou para a Mais Santa Virgem, ela aprovou e disse: “Que a graça do meu Filho esteja com elas”, e repetiu o hino que tinha uma vez cantado na casa de Isabel: “Minha alma

engrandece o Senhor, e meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador”.

Porém, a Virgem Maria, durante sua vida terrena, evitou a glória que a pertencia como Mãe de Deus. Ela preferiu viver em paz e se preparar para a partida para a vida eterna. Até o último dia de sua vida terrena, Ela teve o cuidado de se mostrar digna do Reino de Seu Filho, e antes da morte Ela rezou para que Ele livrasse a sua alma dos espíritos maliciosos que encontravam as almas humanas no caminho para o céu e que esforçavam-se para levá-las ao hades. O Senhor cumpriu o pedido de Sua Mãe e na hora de sua morte Ele próprio veio dos céus com uma multidão de anjos para receber a alma d’Ela.

Como a Mãe de Deus também rezou para que ela pudesse se despedir dos Apóstolos, Deus reuniu para a sua morte todos os Apóstolos, exceto Tomé, e eles foram trazidos por um poder invisível naquele dia até Jerusalém, de todos os cantos do mundo habitado, onde eles estavam pregando, e eles estavam presentes no seu traslado para a vida eterna.

Os Apóstolos deram ao mais puro corpo d’Ela um enterro com hinos sagrados e, no terceiro dia, abriram o túmulo mais uma vez para venerar os restos da Mãe de Deus junto do Apóstolo Tomé, que havia chegado a Jerusalém. Mas eles não encontraram o corpo no túmulo, e em perplexidade retornaram aos seus lugares; e então, durante sua refeição, a Mãe de Deus apareceu para eles no ar, brilhando com uma luz celestial, e informou eles que seu Filho havia glorificado também o corpo d’Ela, e Ela,

ressurreta, estava diante do Seu Trono. Ao mesmo tempo, Ela prometeu sempre estar com eles.

Os Apóstolos saudaram a Mãe de Deus com grande alegria e passaram a venerá-la não apenas como a Mãe de seu amado Professor e Senhor, mas também como sua ajudante celestial, como protetora dos cristãos e intercessora de toda a humanidade perante o Justo Juíz. E em todos os lugares onde o Gospel de Jesus era pregado, Sua Mais Pura Mãe também passava a ser glorificada.



Ícone “Das Três Mãos”, inicialmente criado por São João Damasceno. A obra original se encontra no Monastério Sêrvio Hilandar, no Monte Athos. Comemoração em 28 de Junho e 12 de Julho.



Reprodução digital da Theotokos de Vladimir (século XII), da Catedral da Dormição, no Kremlin, em Moscou, agora apresentada em uma capela dedicada a ela na Galeria Tretyakov, também em Moscou. Comemorada em 21 de Maio, 23 de Junho, e 26 de Agosto.

II

Os Primeiros Inimigos da Veneração da Mãe de Deus

QUANTO MAIS a fé de Cristo se espalhou e o Nome do Salvador do mundo foi glorificado, e junto dele também Ela que foi escolhida para ser a Mãe do homem-Deus, mas o ódio dos inimigos de Cristo cresceu sobre Ela. Maria foi a Mãe de Jesus. Ela manifestou um exemplo de pureza e virtude até agora inédito, e mais, agora longe desse mundo, Ela foi um poderoso apoio aos Cristãos, embora invisível aos olhos terrenos. Portanto, todos que odiavam Jesus e não acreditavam n'Ele, que não entendiam Seus ensinamentos, ou, para ser mais preciso, não queriam entender como a Igreja entendia, que queriam substituir os ensinamentos de Cristo pelos raciocínios humanos—todos esses transferiram seu ódio por Cristo, pelo Gospel da Igreja, a Mais Pura Virgem Maria. Eles desejavam diminuir a Mãe, e assim destruir também a fé em Seu Filho, para criar uma falsa imagem d'Ela entre homens para ter a oportunidade de reconstruir todos os ensinamentos cristãos sobre novos fundamentos. No útero de Maria, homem e Deus foram unidos. Ela foi quem serviu como uma escada para o

Filho de Deus, que desceu dos céus. Atacá-la significa atacar o Cristianismo em sua raiz, destruí-lo em sua própria fundação.

E o próprio começo de Sua glória divina foi marcada por uma explosão de malícia e ódio à Ela por infiéis. Quando, após Seu repouso divino, os Apóstolos estavam carregando Seu corpo para o enterro em Getsêmani, o lugar escolhido por Ela, João o Teólogo foi adiante carregando o ramo do paraíso que o Arcanjo Gabriel havia trazido para a Santa Virgem havia três dias antes, quando ele desceu do céu para anunciar a ela que ela se aproximava da partida para a mansão celestial.

“Quando Israel saiu do Egito, e a casa de Jacó, de um povo bárbaro,” cantou Pedro, do Salmo 114¹; “Aleluia,” cantou a assembléia de Apóstolos com seus discípulos, como exemplo, Dionísio, o Areopagita, que foi milagrosamente transportado para Jerusalém naquela ocasião. E enquanto esse hino era cantado, o qual era chamado pelos Judeus de “Grande Aleluia”, ou seja, grande “Louvor ao Senhor”, um pregador Judeu, Antônio, saltou para o esquife e tentou derrubar e atirar ao chão o corpo da Mãe de Deus.

A ousadia de Athonius foi imediatamente punida: o Arcanjo Miguel cortou sua mão com uma espada invisível, que ficou pendurada no esquife. Athonius, atordoado, sofrendo de dor tremenda, em consciência de seu pecado, se voltou em oração para Jesus, o qual ele havia odiado, e foi imediatamente curado. Ele não demorou em aceitar a Cristandade e em confessá-la antes

¹ Na tradução do Russo para o Inglês cita-se o Salmo 113, porém, após pesquisa, parece que tal parte parece ter sido erroneamente traduzida.

de seus antigos irmãos de fé, dos quais ele recebeu o martírio. Portanto, a tentativa de ofender a honra da Mãe de Deus serviu para Sua grande glorificação.

Os inimigos de Cristo resolveram não mais manifestar sua falta de veneração pelo corpo da Mãe Pura, naquela época, por violência crua, mas sua malícia não cessou. Vendo que a Cristandade se espalhava por todo lugar, eles passaram a espalhar diversas calúnias sobre os Cristãos. Eles não pouparam nem mesmo o nome da Mãe de Cristo, e inventaram a história que Jesus de Nazaré tinha vindo de um ambiente vil e imoral, e que Sua Mãe estaria envolvida com um soldado romano.

Mas aqui a mentira era muito evidente para atrair atenção séria. Toda a família de José, o Noivo² e Maria eram muito bem conhecidos pelos habitantes de Nazaré e dos arredores, em seus tempos. De onde veio este Homem e essas obras poderosas? Não é o filho do carpinteiro? Não é Sua mãe chamada Maria, e Seus irmãos: Tiago, José, e Simão e Judas? E Suas irmãs, não estão todas conosco? (Mateus 13:54-55; Marcos 6:3; Lucas 4:22.) Assim disseram seus compatriotas em Nazaré quando Cristo se revelou diante deles na sinagoga Sua sabedoria de outro mundo. Em cidades pequenas os assuntos de família de todos são bem conhecidos; a estrita vigilância era mantida sobre a pureza da vida conjugal.

Teriam as pessoas realmente se portado com respeito com Jesus, chamado-O para pregar na sinagoga, se Ele tivesse nascido

² José de Nazaré, marido de Maria.

de uma coabitação ilegítima? A lei de Moisés teria sido aplicada a Maria, que comandava que tais pessoas fossem apedrejadas a morte; E os Fariseus teriam aproveitado a oportunidade muitas vezes para repreender Cristo pela conduta de Sua Mãe. Mas aconteceu o contrário. Maria usufruiu de grande respeito; em Caná ela foi uma convidada de honra no casamento, e mesmo quando Seu Filho foi condenado, ninguém permitiu que ridicularizassem ou censurassem Sua Mãe.



A Dormição da Theotokos, mostrando a punição do blasfemo
Anthonius. Ícone de Novgorod, final do século XV.
A Festa da Dormição é celebrada em 15 de Agosto.

III

Tentativas dos Judeus e Hereges de Desonrar a Sempre Virgem Maria

OS CALUNIADORES JUDEUS logo perceberam que era quase impossível desonrar a Mãe de Jesus, e com base nas informações que eles mesmos possuíam, era muito mais fácil provar sua vida louvável. Portanto, eles abandonaram essas calúnias, que já haviam sido adotadas por pagãos (Orígenes, Contra Celso, I), e esforçaram-se para provar que ao menos Maria não era virgem quando deu a luz a Jesus. Eles diziam até que as profecias sobre o nascimento do Messias a partir de uma virgem nunca existiram, e que, portanto, seria totalmente em vão que os Cristãos pensassem em exaltar Jesus pelo fato de que uma profecia estava supostamente se cumprindo n'Ele.

Tradutores Judeus que fizeram traduções do Antigo Testamento (Aquila, Symmachus, Theodotion) em Grego traduziram a bem conhecida profecia de Isaías (Is. 7:14) como: Contempla, uma jovem mulher conceberá. Eles afirmaram que a palavra Hebraica *aalma* significava “jovem mulher” e não “virgem”, como era entendido na sacra tradução dos Setenta

Tradutores [Septuaginta], onde essa passagem havia sido traduzida como “Contempla, uma virgem conceberá”.

Com essa nova tradução eles desejavam provar aos Cristãos, com base em uma tradução incorreta da palavra *aalma*, pensada para atribuir a Maria algo completamente impossível: um nascimento sem um homem, enquanto, na verdade, o nascimento de Cristo não seria nada diferente do nascimento dos outros humanos.

Porém, a má intenção dos novos tradutores foi claramente revelada por uma comparação entre várias passagens da Bíblia, que deixou claro que a palavra *aalma* significava precisamente “virgem”. E de fato, não apenas os Judeus, mas até os pagãos, nas bases de suas próprias tradições e profecias, esperavam que o Redentor do mundo seria nascido de uma virgem. Os Evangelhos deixam claro que o Senhor Jesus havia nascido de uma Virgem.

Como será isso, visto que eu não conheço homem algum? perguntou Maria, que havia dado um voto de virgindade, ao Arcanjo Gabriel, que a havia informado sobre o nascimento de Cristo.

Respondeu-lhe o anjo: O Espírito Santo descera sobre ti, e a força do Altíssimo te envolverá com a sua sombra. Por isso, o ente santo que nascer de ti será chamado Filho de Deus (Lucas 1:34-35).

Mais tarde, o Anjo apareceu também a José, que desejava afastar Maria de sua casa, vendo que Ela havia concebido sem entrar em coabitação conjugal com ele. A José o Arcanjo disse:

não tema receber para ti Maria, tua esposa: porque o que n'Ela é gerado é do Espírito Santo, e ele o lembrou da profecia de Isaías que uma virgem conceberia (Mateus 1:18-25).

A vara de Arão que brotou, a rocha arrancada do monte sem mãos, vista por Nabucodonosor em um sonho e interpretada pelo Profeta Daniel, o portão fechado visto pelo Profeta Ezequiel, e muito mais no Antigo Testamento prefigurava o parto da Virgem. Assim como Adão fora criado pela Palavra de Deus da terra virgem e inalterada, também o Verbo de Deus criou para si a carne a partir de um ventre virgem quando o Filho de Deus se tornou o novo Adão para corrigir a queda do primeiro Adão. (São Irenaeus de Lyons, Livro III).

O nascimento sem sementes de Cristo pode e só poderia ser negado por aqueles que negam o Evangelho, considerando que a Igreja de Cristo, desde os tempos antigos, confessa Cristo “Encarnado do Espírito Santo e da Virgem Maria.” Mas o nascimento de Deus a partir da Sempre Virgem era uma pedra no sapato para aqueles que desejavam se chamar de Cristãos mas que não queriam humilhar-se em mente, e serem zelosos pela pureza da vida. A vida pura de Maria era uma afronta para aqueles que eram impuros em seus pensamentos. Então para se mostrarem Cristãos eles não se atreviam a negar que Cristo havia sido gerado de uma Virgem, mas passaram a afirmar que Maria permaneceu virgem apenas até Ela dar à luz ao seu primeiro filho, Jesus (Mateus 1:25).

“Após o nascimento de Jesus”, disse o falso professor Helvidius no século IV, assim como muitos outros antes dele,

“Maria entrou numa relação conjugal com José e teve dele uma criança, que são chamadas no Evangelho de irmãos e irmãs de Cristo.” Mas a palavra “até” não significava que Maria permaneceu virgem durante um até um certo tempo. A palavra “até” funciona similarmente e muitas vezes significa eternidade. Na Escritura Sagrada é dito de Cristo: florescerá em Seus dias a justiça, e a abundância da paz até que cesse a lua de brilhar (Salmos 71:7), mas isso não significa que quando não houver mais lua no final dos tempos a justiça de Deus não existirá mais; precisamente então, antes, triunfará. E o que isso significa quando dizem: porque é necessário que ele reine, até que ponha todos os inimigos debaixo de seus pés? (1Co. 15:25). Então o Senhor só reinará até que Seus inimigos estejam debaixo de Seus pés?! E Davi, no quarto Salmo das Subidas diz: como os olhos dos servos estão fixos nas mãos de seus senhores, como os olhos das servas estão fixos nas mãos de suas senhoras, assim nossos olhos estão voltados para o Senhor, nosso Deus, esperando que ele tenha piedade de nós (Salmos 122:2). Assim, o profeta terá seus olhos dirigidos ao Senhor até que ele obtenha piedade, mas, tendo-a obtido, dirigirá seus olhos para a terra? (Abençoado Jerome, “Na Sempre Virgindade da Abençoada Maria”). O Salvador diz aos Apóstolos no Evangelho (Mateus 28:20): eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo. Portanto, após o fim do mundo o Senhor irá se distanciar de Seus discípulos, e então, eles deverão julgar as doze tribos de Israel sobre doze tronos, eles não terão então a prometida comunhão com o Senhor? (Abençoado Jerome, op. cit.).

É também incorreto pensar que os irmãos e irmãs de Jesus eram filhos de Sua Mãe Santa Mãe. As palavras “irmão” e “irmã” tem vários significados distintos. Podendo significar uma certa proximidade entre pessoas ou sua proximidade espiritual, essas palavras às vezes são usadas em um amplo, e às vezes estrito sentido. De qualquer forma, pessoas são chamadas de irmãos e irmãs se tem uma mãe e um pai em comum, ou apenas uma mãe ou um pai em comum; ou até se tem diferentes pais e mãe, se seus pais (tendo ficado viúvos) entraram em matrimônio (meio-irmãos). Ou se seus pais estão ligados por estreitos graus de parentesco.

Em nenhum lugar do Evangelho pode ser visto que aqueles que eram chamados de irmãos de Jesus foram ou foram considerados filhos de Sua Mãe. Do contrário, é sabido que João e outros eram filhos de José, o noivo de Maria, que era um viúvo com filhos de sua primeira esposa (Santo Epiphanius do Chipre, Panarion, 78). Bem como, a irmã de Sua Mãe³, Maria, esposa de Cleopas, que permaneceu com Ela⁴ na Cruz do Senhor (João 19:25), também tinha filhos, que na visão, com tal proximidade, poderiam justamente serem chamados de irmãos do Senhor. Que os chamados irmãos e irmãs do Senhor não eram filhos de Sua

³ Parece ter havido um erro de tradução na edição em inglês, onde é citado que Maria, esposa de Cleopas seria irmã de Maria, mãe de Jesus, quando na verdade, tudo parece indicar que Maria, esposa de Cleopas seria meia-irmã de José, pai de Jesus, sendo, portanto, prima de Jesus por parte paterna. A tradução literal do inglês seria: Bem como, a Irmã de Sua Mãe.

⁴ Maria.

Mãe é claramente evidente a partir do fato de que o Senhor confiou Sua Mãe antes de Sua morte ao seu amado Discípulo, João. Por que Ele faria isso se Ela tivesse outros filhos além d'Ele? Eles próprios tomariam conta d'Ela. Os filhos de José, o suposto pai de Jesus, não se consideravam obrigados a tomarem conta de alguém que consideravam sua madrasta, ou, ao menos, não tinham por Ela o amor como os filhos biológicos têm por seus pais, e como o adotado João tinha por Ela.

Portanto, um estudo cuidadoso das Sagradas Escrituras revela com completa clareza a insubstancialidade das objeções contra a Sempre Virgindade de Maria e envergonha aqueles que ensinam diferentemente.



O ícone original das Raízes de Theotokos de Kursk (século XIII),
antes localizado no Monastério de Kursk na Rússia, e hoje
localizado em Nova York.

Comemorado em 8 de Março, 8 de Setembro, e 27 de Novembro.



Ícone da Theotokos “Alegria de Todos que Sofre”. Essa cópia estava originalmente localizada em Harbin, na China, onde a imagem, escurecida pelo tempo, foi miraculosamente renovada durante os anos 1920. Está agora entesourada na Igreja de São Sérgio de Radonezh em Nova York. Comemorada em 24 de Outubro.

IV

A Heresia Nestoriana e o Terceiro Concílio Ecumênico

QUANDO TODOS AQUELES que ousaram falar contra a santidade e a pureza da Mais Santa Virgem Maria haviam sido reduzidos ao silêncio, uma tentativa de destruir Sua veneração como Mãe de Deus foi feita. No século V, o Arcebispo de Constantinopla, Nestório, passou a pregar que de Maria havia nascido apenas o homem Jesus, em quem a Divindade estaria morando e habitando nele como um templo. Primeiro ele permitiu que seu presbítero, Anastásio, e então passou a pregar ele mesmo que ninguém deveria chamar Maria de “Theotokos”, já que Ela não havia dado a luz ao homem-Deus. Ele considerava humilhante para si adorar uma criança envolta em panos e deitada em uma manjedoura.

Tais sermões invocaram um distúrbio e um desconforto sobre a pureza da fé, primeiro em Constantinopla, e então em todos os lugares onde rumores do novo ensinamento se espalharam. São Proclus, o discípulo de São João Crisóstomo, que era Bispo de Cízico, e depois Arcebispo de Constantinopla, na presença de Nestório, deu na igreja um sermão no qual confessava

que o Filho de Deus nasceu na carne da Virgem, a qual verdadeiramente a Theotokos (Aquele que dá a luz a Deus), pois já no ventre da Mãe Pura, no tempo de Sua Conceção, a Divindade foi unida com a Criança concebida a partir do Espírito Santo; e essa Criança, embora fosse nascida da Virgem Maria apenas em sua natureza humana, ainda havia nascido verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem.

Nestório recusou-se obstinadamente a mudar seus ensinamentos, dizendo que se deveria distinguir entre Jesus e o Filho de Deus, que Maria não deveria ser chamada de Theotokos, mas de Christokos (Mãe de Cristo), já que Jesus, nascido de Maria, era apenas o homem Cristo (que significa Messias, o escolhido), semelhante aos antigos ungidos de Deus, os profetas, apenas superando-os em sua plena comunhão com Deus. Os ensinamentos de Nestório constituíam uma completa negação da economia de Deus, como se de Maria apenas um homem houvesse nascido, então não era Deus que havia sofrido por nós, mas um homem.

São Cirilo, Arcebispo de Alexandria, ao descobrir sobre os ensinamentos de Nestório e sobre as desordens causadas por seus ensinamentos em Constantinopla, escreveu uma carta à Nestório, na qual tentou convencer ele a manter o ensinamento que a Igreja confessava desde sua fundação, e não adicionar nada novo nesses ensinamentos. Além disso, São Cirilo escreveu ao clero e ao povo de Constantinopla para que eles se mantivessem firmes na Fé Ortodoxa e não temessem perseguições por Nestório contra aqueles que não estivessem de acordo com ele. São Cirilo

também escreveu informando tudo a Roma, ao santo Papa Celestino, que com todo seu rebanho estava firme na Ortodoxia.

São Celestino, por sua vez, escreveu à Nestório e o chamou para pregar a Fé Ortodoxa, e não a sua própria. Mas Nestório permaneceu surdo para toda a persuasão e respondeu dizendo que o que estava pregando *era* a Fé Ortodoxa, enquanto seus oponentes eram hereges. São Cirilo escreveu a Nestório novamente e compôs doze anátemas, isto é, estabeleceu em doze parágrafos as principais diferenças entre os ensinamentos Ortodoxos e os ensinamentos pregados por Nestório, reconhecendo como excomungado da Igreja todos que rejeitassem, mesmo que fosse, um dos parágrafos que havia composto.

Nestório rejeitou por completo o texto escrito por São Cirilo e escreveu sua própria exposição dos ensinamentos que ele pregava, também em doze parágrafos, declarando anátema (isto é, excomunhão da Igreja) todos aqueles que não aceitassem. O perigo à pureza da fé estava crescendo o tempo todo. São Cirilo escreveu uma carta à Teodósio, o mais Jovem⁵, que estava então reinando, para sua mulher, Eudócia, e para a irmã do imperador, Pulquéria, suplicando que também se preocupassem com assuntos eclesiásticos e reprimissem a heresia.

Foi decidido convocar um *Concílio Ecumênico*, no qual os hierarcas, reunidos de todos os cantos do mundo, deveriam decidir se a fé pregada por Nestório era Ortodoxa. Como local do

⁵ Teodósio II, Imperador do Império Romano do Oriente.

concílio, que seria o Terceiro Concílio Ecumênico, eles escolheram a cidade de Éfeso, na qual a Santíssima Virgem Maria uma vez havia habitado com o Apóstolo João, o Teólogo. São Cirilo reuniu seus colegas bispos no Egito e viajou com eles por mar até Éfeso. De Antioquia, por terra, veio João, Arcebispo de Antioquia, com os bispos Orientais. O Bispo de Roma, São Celestino, não pode ir pessoalmente e pediu a São Cirilo para defender a Fé Ortodoxa, além disso, enviou dele dois bispos e o presbítero da Igreja de Roma, Felipe, ao qual ele deu instruções do que dizer. À Éfeso foram também Nestório e os bispos da região de Constantinopla, e os bispos da Palestina, Ásia Menor, e Chipre.

No décimo dia dos calendários de Julho, de acordo com o cômputo romano, isto é, 22 de Junho, 431, na Igreja Efésia da Virgem Maria, os bispos reuniram-se, liderados pelo Bispo de Alexandria, Cirilo, e pelo Bispo de Éfeso, Memnon, e tomaram seus lugares. No meio deles foi colocado o Evangelho, como um símbolo da liderança invisível do Concílio Ecumênico por Cristo. Primeiramente o Símbolo da Fé, que havia sido composto no Primeiro e Segundo Concílio Ecumênico foi lido; Então foi lido ao Concílio a Proclamação Imperial, que havia sido trazida por representantes do imperador Teodósio e Valentiniano, Imperadores das partes Orientais e Ocidentais do Império.

Tendo sido a Proclamação Imperial lida, a leitura dos documentos começou, e lá foram lidas as Epístolas de Cirilo e Celestino a Nestório, bem como as réplicas de Nestório. O Concílio, pelos lábios de seus membros, reconheceu os ensinamentos de Nestório como sendo ímpios e condenaram-os,

reconhecendo Nestório como privado de sua Sé e do sacerdócio. Um decreto foi composto sobre isso, e foi assinado por cerca de 160 participantes do Concílio; e já que alguns deles representavam também outros bispos que não tiveram a oportunidade de estarem pessoalmente no Concílio, o decreto do Concílio foi na verdade a decisão de mais de 200 bispos, que tinham suas Sés em várias regiões da Igreja naquele tempo, e eles confessaram e testemunharam a Fé que desde toda a antiguidade havia sido mantida em suas localidades.

Portanto, o decreto do Concílio era a voz da Igreja Ecumênica, que claramente expressava sua fé que Cristo, nascido da Virgem, é o verdadeiro Deus que se tornou homem; e visto que Maria deu à luz ao Homem perfeito, que era ao mesmo tempo o Deus perfeito, Ela deveria ser justamente reverenciada como Theotokos.

Ao fim da sessão o decreto foi imediatamente comunicado para as pessoas que aguardavam. Toda a cidade de Éfeso se alegrou quando descobriu que a veneração da Santa Virgem havia sido defendida, pois Ela era especialmente venerada nesta cidade, a qual Ela havia sido residente durante Sua vida terrena, e Patrona após Sua partida para a vida eterna. O povo saudou os Padres em êxtase quando à noite eles voltaram para casa após a sessão. Eles os acompanharam até suas casas com tochas acesas e queimaram incensos nas ruas. Em todo lugar se ouviam alegres saudações, a glorificação da Sempre Virgem, e os louvores dos Padres que haviam defendido Seu nome contra os hereges. O decreto do Concílio foi exibido nas ruas de Éfeso.

O Concílio teve mais cinco sessões, em 10 e 11 de Junho, 16 e 17 de Julho, e 22 e 31 de Agosto. Nessas sessões foram estabelecidas, em seis cânones, medidas de ação contra aqueles que se atrevessem a espalhar os ensinamentos de Nestório e a mudar o decreto do Concílio de Éfeso.

Com às queixas dos Bispos de Chipre contra as pretensões do Bispo de Antioquia, o Concílio decretou que a Igreja do Chipre deveria preservar sua independência no governo da Igreja, que possuía desde os Apóstolos, e que, em geral, os nenhum dos bispos deveria submeter a eles regiões que haviam anteriormente independentes, “para que não, sob o pretexto do sacerdócio, o poder do orgulho terreno, tome, e para que não percamos, arruinando pouco a pouco, a liberdade que nosso Senhor Jesus Cristo, o Libertador de todos os homens, nos deu por Seu Sangue.”

O Concílio também confirmou a condenação da heresia Pelagiana, que ensinava que os homens poderiam ser salvos por seus próprios poderes, sem haver a necessidade de ter a graça de Deus. Também decidiu certas questões relacionadas ao governo da Igreja e dirigiu epístolas aos bispos que não haviam ido ao Concílio, anunciando seus decretos e chamando todos para que guardassem a Fé Ortodoxa e a paz da Igreja. Ao mesmo tempo o Concílio reconheceu que o ensinamento da Igreja Ortodoxa Ecumênica era completo e claro o suficiente definido no Símbolo da Fé Niceno-Constantinopolitano, o qual é o motivo pelo qual não foi composto um novo Credo e proibiu-se que no futuro “se compusesse uma outra Fé”, isto é, compor outros Credos, ou fazer

mudanças ao Símbolo da Fé que havia sido definido no Segundo Concílio Ecumênico.

Esse último decreto foi violado muitos séculos depois pelos Cristãos Ocidentais quando, primeiramente em locais distintos, mas depois em toda a Igreja Romana, foi feita ao Símbolo uma adição de que o Espírito Santo procede “e do Filho”, adição que foi aprovada pelos Papas Romanos desde o século XI, embora até aquela época os seus antecessores, começando com São Celestino, firmemente mantivessem a decisão do Concílio de Éfeso, o qual foi o Terceiro Concílio Ecumênico, e cumpriam-no.

Portanto, a paz, que havia sido destruída por Nestório assentou-se novamente na Igreja. A verdadeira Fé havia sido defendida e os falsos ensinamentos condenados.

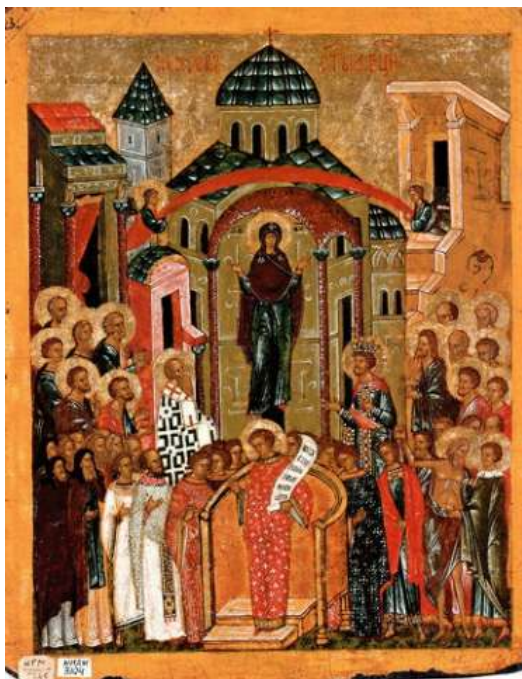
O Concílio de Éfeso é justamente venerado como Ecumênico, no mesmo nível que os Concílios de Nicéia e Constantinopla, que o precederam. Nele estavam presentes representantes de toda a Igreja. Suas decisões foram aceitas por toda a Igreja “de um canto do universo ao outro”. Nele foi confessado o ensinamento que havia sido mantido desde os tempos Apostólicos. O Concílio não criou um novo ensinamento, mas em alto tom testemunhou a verdade que alguns tentaram trocar por uma invenção. Ele expôs precisamente a confissão da Divindade de Cristo, nascido da Virgem. A crença da Igreja e seu julgamento nesta questão eram então tão claramente expressados que ninguém mais poderia atribuir à Igreja seus falsos raciocínios. No futuro poderiam surgir novas questões demandando a decisão

de toda a Igreja, mas não o questionamento *se Jesus Cristo era Deus*.

Concílios subsequentes se basearam em suas decisões nos decretos dos Concílios que os haviam precedido. Eles não compuseram um novo Símbolo de Fé, mas explicaram-no. No Terceiro Concílio Ecumênico foi firmemente e claramente expressado *o ensinamento da Igreja sobre a Mãe de Deus*. Anteriormente os Santos Padres haviam acusado aqueles que haviam caluniado a imaculada vida da Virgem Maria; e agora para todos que tentaram diminuir Sua honra foi proclamado: “Ele que não confessa Emanuel como sendo o verdadeiro Deus e portanto a Santa Virgem como Theotokos, por Ela ter dado a luz na carne ao Verbo que é de Deus o Pai, e que se tornou carne, deixe-o ser anátema (separado da Igreja)” (Primeira Anátema de São Cirilo de Alexandria).



Ícone Grego da Theotokos “A Primavera que dá a Vida” (séc. XX)
Comemorado na Sexta-Feira Santa.



Ícone da “Proteção da Theotokos” (final do séc. XV), da Catedral de Santa Sofia em Novgorod, mostrando Santo André o Louco por Cristo e seu discípulo no canto inferior direito. A Festa da Proteção é celebrada em 1º de Outubro.

V

Tentativas dos Iconoclastas de Diminuir a Glória da Rainha do Céu: Eles são levados a Vergonha

APÓS O TERCEIRO Concílio Ecumênico, os Cristãos começaram ainda mais fervorosamente, tanto em Constantinopla como em outros lugares, a insistir pela intervenção da Mãe de Deus e suas esperanças não foram em vão. Ela manifestou Sua ajuda para inúmeras pessoas doentes, pessoas desamparadas, e para aqueles em infortúnio. Muitas vezes Ela apareceu como defensora de Constantinopla contra os inimigos de fora, até mesmo mostrando de maneira visível para Santo André, o Louco por Cristo, sua maravilhosa proteção sobre as pessoas que estavam orando durante a noite no Templo de Blachernae.

A Rainha do Céu deu a vitória em batalhas para os Imperadores Bizantinos, esse é o motivo pelo qual eles tinham o costume de levar consigo em suas campanhas Seu Ícone de Hodegetria (Guia). Ela fortaleceu ascetas e fanáticos da vida Cristã

em suas batalhas contra suas paixões humanas e fraquezas. Ela iluminou e instruiu os Pais e Doutores da Igreja, incluindo o próprio São Cirilo de Alexandria quando ele hesitou em reconhecer a inocência e santidade de São João Crisóstomo.

A Puríssima Virgem colocou hinos nas bocas dos compositores de hinos da Igreja, às vezes criando renomados cantores a partir de pessoas que não tinham o dom da música, mas que eram piedosos obreiros, como São Romano, o Melodista. É então surpreendente que os Cristãos esforçaram-se em engrandecer o nome de seu constante Intercessor? Em Sua honra festas foram criadas, para Ela foram dedicadas maravilhosas canções, e Sua Imagens foram reverenciadas.

A malícia do príncipe deste mundo armou mais uma vez os filhos da apostasia para levantarem uma batalha contra Emanuel e Sua Mãe naquela mesma Constantinopla, que agora reverenciava, como Éfeso havia anteriormente, a Mãe de Deus como sua Intercessora. Primeiramente não ousando falar contra o Campeão Geral, eles desejavam diminuir Sua glorificação proibindo a veneração de Ícones de Cristo e Seus Santos, chamando isso de idolatria aos ídolos. A Mãe de Deus agora também reforçou os fanáticos de piedade na batalha pela veneração de Imagens, manifestando muitos sinais em Seus Ícones e curando a mão decepada de São João de Damasco, que havia escrito em defesa dos Ícones.

A perseguição contra os veneradores dos Ícones e Santos novamente terminou na vitória e no triunfo da Ortodoxia, pois a veneração dada aos Ícones eleva aqueles que são ilustrados neles; e

os santos de Deus são venerados como amigos de Deus por causa da graça divina que habita neles, de acordo com as palavras dos Salmos: “Mais preciosos para mim são Teus amigos”. A Puríssima Mãe de Deus foi glorificada com honra especial no céu e na Terra, e Ela, mesmo nos dias de zombaria aos Ícones sagrados, manifestou através deles muitos milagres maravilhosos que até hoje lembramos com contrição. O hino “Em Ti Toda a Criação se Alegra, ó Tu que És Cheio de Graça”, e o Ícone das Três Mãos nos recordam da cura de São João Damasceno diante deste Ícone; a ilustração do Ícone de Iveron da Mãe de Deus nos recorda do livramento miraculosa dos inimigos por este Ícone, que foi lançado ao mar por uma viúva que foi incapaz de salvá-lo.

Nenhuma perseguição contra aqueles que veneravam a Mãe de Deus e tudo que está ligado à memória d’Ela pode diminuir o amor dos Cristãos por sua Intercessora. Uma regra de que toda série de hinos nos Divinos serviços deveria terminar com um hino ou verso em honra da Mãe de Deus (a chamada “Theotokia”) foi estabelecida. Muitas vezes no ano Cristãos de todas as partes do mundo se reuniam na igreja, como antes se reuniam, para louvá-La, e para agradecê-La pelas benfeitorias que Ela mostrava, e para pedir misericórdia.

Mas poderia o adversário dos Cristãos, o Diabo, que ainda rugindo como um leão, procurando quem possa devorar (1Pe 5:8), permanecer um espectador indiferente vendo a glória da Imaculada? Poderia ele reconhecer a si mesmo como derrotado, e cessar o combate contra a verdade por meio de homens que fazem a sua vontade? E assim, quando todo o universo ressoou com boas

notícias da Fé de Cristo, quando em todos os lugares o nome da Santíssima era invocado, quando a terra estava repleta de Igrejas, quando as casas dos Cristãos eram adornadas com Ícones ilustrando Ela—então lá ele apareceu e passou a espalhar um novo falso ensinamento sobre a Mãe de Deus. Esse falso ensinamento é perigoso porque muitos não conseguem entender imediatamente em qual nível isso mina a verdadeira veneração da Mãe de Deus.



“Em Ti Toda a Criação se Alegra”. Ícone original do Século XVI,
de Novgorod.

VI

Zelo sem Conhecimento

(Ro. 10:2)

A corrupção pelos Latinos, no novo dogma inventado da “Imaculada Conceção”, da verdadeira veneração da Santíssima Mãe de Deus e Sempre Virgem Maria.

QUANDO AQUELES QUE censuraram a imaculada vida da Santíssima Virgem foram desmascarados, bem como aqueles que negavam sua Sempre Virgindade, aqueles que negavam Sua dignidade como Mãe de Deus, e aqueles que desdenhavam seus Ícones—então, quando a glória da Mãe de Deus havia iluminado todo o universo, ali apareceu um ensinamento que parecia exaltar altamente a Virgem Maria, mas em realidade *negava todas Suas virtudes*.

Esse ensinamento é chamado de Imaculada Conceção da Virgem, e era aceito por seguidores do trono Papal de Roma. O ensinamento é: que “a Bem-aventurada Virgem Maria foi preservada e imune de toda mancha do pecado original, desde o primeiro instante da sua concepção, por graça particular e

privilegio de Deus Todo-Poderoso, pelos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano” (Bula do Papa Pio IX sobre o novo dogma). Em outras palavras, a Mãe de Deus em Sua Conceção foi preservada do pecado original e, pela graça de Deus, foi colocada em um estado onde era impossível para Ela pecar.

Cristãos não haviam ouvido sobre isso antes do século IX, quando pela primeira vez o Abade de Corvey, Pascásio Radberto, expressou a opinião de que a Santa Virgem havia sido concebida sem o pecado original. Começando no século XII, essa ideia começou a se espalhar entre o clero e a congregação da igreja Ocidental, que já havia saído da Igreja Universal, e portanto perdido a graça do Espírito Santo.

Porém, de forma alguma todos os membros da igreja Romana concordaram com esse novo ensinamento. Havia uma diferença até mesmo entre os mais renomados teólogos do Ocidente, os pilares, por assim dizer, da igreja Latina. Tomás de Aquino e Bernard de Clairvaux decisivamente foram contrários, enquanto Duns Escoto defendeu-o. Dos mestres essa divisão foi levada aos seus discípulos: os monges Dominicanos Latinos, como seu mestre Tomás de Aquino, pregaram contra o ensinamento da Imaculada Conceção, enquanto os seguidores de Duns Escoto, os Franciscanos, esforçaram-se para implantar isso em todo lugar. A batalha entre essas duas correntes continuou durante o curso de vários séculos. Ambos, tanto em um lado quanto no outro, eram considerados entre os Católicos como as maiores autoridades.

Não houve ajuda para decidir a questão no fato de que várias pessoas declararam que elas haviam recebido uma revelação de cima sobre isso. A freira Bridget [da Suécia], renomada no século XIV entre os Católicos, falou em suas escrituras sobre as aparições à ela da Mãe de Deus, A qual Ela mesma disse que havia sido concebida imaculadamente sem o pecado original. Mas sua

contemporânea, ainda mais renomada, Catarina de Siena, afirmou que em Sua concepção a Santa Virgem participou em um pecado original, sobre o qual Ela havia recebido uma revelação do próprio Cristo. (Veja o livro do Arcebispo A. Lebedev, *Differences in the Teaching on the Most Holy Mother of God in the Churches of East and West*).

Portanto, nem no fundamento das escrituras teológicas, nem no fundamento das manifestações miraculosas que se contradiziam, poderia o rebanho Latino distinguir, por um longo tempo, onde a verdade estava. Papas Romanos, até Sisto IV (final do século XV), ficaram de fora dessas disputas, e só esse Papa, em 1475, aprovou um serviço no qual o ensinamento da Imaculada Conceção foi claramente expresso; e muitos anos depois ele proibiu a condenação daqueles que acreditavam na Imaculada Conceção. Porém, nem mesmo Sisto IV havia ainda decidido afirmar que isso era um ensinamento inabalável da igreja; e portanto, tendo proibido a condenação daqueles que acreditavam na Imaculada Conceção, ele também não condenou aqueles que acreditavam o contrário.

Enquanto isso, o ensinamento da Imaculada Conceção obteve mais e mais partidários entre os membros da igreja Romana. A razão para isso era o fato de que parecia muito mais piedoso e satisfatório dar para a Mãe de Deus tanto glória quanto o possível. O esforço do povo para glorificar a Intercessora dos Céus, de um lado, e do outro, o desvio dos teólogos Ocidentais em especulações abstratas que levaram a apenas uma aparente verdade (Escolasticismo), e finalmente, o patrocínio dos Papas Romanos após Sisto IV—tudo isso levou ao fato de que a opinião sobre a Imaculada Conceção, que havia sido expressa por Pascásio Radberto no século IX já era a crença geral da igreja Latina no século XIX. Ali permaneceu apenas para proclamar isso

definitivamente como ensinamento da igreja, o qual foi feito pelo Papa Romano Pio IX, durante um serviço solene em 8 de Dezembro de 1854, quando ele declarou que a Imaculada Conceção da Santíssima Virgem era um dogma da igreja Romana.

Então a igreja Romana adicionou mais um desvio dos ensinamentos que confessava enquanto era membra da Igreja Católica Apostólica, o qual a fé foi mantida até hoje inalterada pela Igreja Ortodoxa. A proclamação do novo dogma satisfaz grandes massas de pessoas que pertenciam à igreja Romana, que na simplicidade do coração pensaram que a proclamação do novo ensinamento serviria para uma glória maior da Mãe de Deus, A qual com isso eles dando um presente, como se fosse. Também foi satisfeita a vanglória dos teólogos Ocidentais, que elaboraram e defenderam o ensinamento. Mas acima de tudo, a proclamação do novo dogma era lucrativo para o próprio trono Romano, pois, tendo proclamado um novo dogma por sua própria autoridade, embora tenha ouvido a opinião de bispos da Igreja Católica, o Papa Romano se apropriou do direito de mudar um ensinamento da igreja Romana e colocou sua própria voz acima do testemunho da Sagrada Escritura e Tradição. Uma dedução direta foi o fato de que os Papas Romanos eram infalíveis em matéria de fé, o mesmo Papa Pio IX proclamou como dogma da igreja Católica em 1870.

Então o ensinamento da igreja Ocidental foi alterado após ela ter saído da comunhão com a Verdadeira Igreja. Ela introduziu nela mesma novos e novos ensinamentos, pensando assim glorificar a Verdade ainda mais, mas na realidade distorcendo-a. Enquanto a Igreja Ortodoxa confessa humildemente aquilo que recebeu de Cristo e dos Apóstolos, a igreja Romana ousa incrementar isso, às vezes com zelo sem conhecimento (cf. Ro. 10:2), e às vezes se desviando em

superstições e em *contradições de conhecimento falsamente assim chamado* (1Tm. 6:20). Não poderia ser diferente. Pois *as portas do inferno não prevalecerão* contra à Igreja (Mt. 16:18) é prometido apenas à Verdadeira, e Universal Igreja; mas sobre aqueles que dela se desviaram se cumprem as palavras: *O ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. Assim também vós não podeis tampouco dar fruto, se não permanecerdes em Mim* (João 15:4).

É verdade que na própria definição do novo dogma é dito que um novo ensinamento não está sendo estabelecido, mas que está apenas sendo proclamado aquilo que sempre existiu na igreja e que foi mantido por muitos Santos Padres, trechos os quais são citados. Porém, todas as referências citadas falam apenas sobre a santidade exaltada da Virgem Maria e de Sua imacularidade, e dão à Ela vários nomes que definem Sua pureza e poder espiritual; mas em nenhum lugar há uma palavra sequer sobre a imacularidade de Sua concepção. Ao mesmo tempo, esses mesmos Santos Padres em outros lugares diziam que apenas Cristo era completamente puro de todos os pecados, enquanto todos os homens, sendo nascidos de Adão, nasceram em uma carne sujeita a lei do pecado.

Nenhum dos antigos Santos Padres disseram que Deus purificou a Virgem Maria enquanto ainda estava no ventre; e muitos indicam diretamente que a Virgem Maria, assim como todos os homens, lutou contra o pecado, mas foi vitoriosa sobre as tentações e foi salva por Seu Divino Filho.

Comentadores da confissão Latina também disseram que a Virgem Maria foi salva por Cristo. Mas eles interpretaram isso no sentido de que Maria foi preservada da mancha do pecado original em vista dos méritos futuros de Cristo (Bula sobre o Dogma da Imaculada Concepção). A Virgem Maria, de acordo com os ensinamentos deles, recebeu, como se fosse, o presente que

Cristo trouxe aos homens por Seus sofrimentos e morte na Cruz. Além disso, falando sobre os tormentos da Mãe de Deus, os quais ela suportou enquanto de pé sob a Cruz de Seu Amado Filho, e em geral dos sofrimentos com os quais a vida da Mãe de Deus era repleta, eles consideram eles uma adição aos sofrimentos de Cristo e consideram Maria como sendo nossa *Co-Redentora*. De acordo com os comentários de teólogos Latinos, “Maria é uma associada de nosso Redentor como Co-Redentora” (veja Lebedev, op. cit. p. 273). “No ato da Redenção, Ela, de certa forma, ajudou Cristo” (Catecismo do Dr. Weimar). “A Mãe de Cristo”, escreve Dr. Lentz, “suportou o fardo de Seu martírio não apenas corajosamente, mas também alegremente, embora com o coração partido” (Mariologia de Dr. Lentz). Por essa razão, Ela é “um complemento a Santa Trindade”, e “bem como Seu Filho é o único Intermediário escolhido por Deus entre Sua ofendida majestade e homens pecaminosos, também, precisamente, a mediadora Chefe colocada por Ele entre Seu Filho e nós é a Santíssima Virgem.” “Em três aspectos—como Filha, como Mãe, e como Esposa de Deus—a Santa Virgem é exaltada em uma certa equidade ao Pai, em certa superioridade ao Filho, em uma certa proximidade ao Espírito Santo” (“A Imaculada Conceção”, Malou, Bispo de Bruges).

Então, de acordo com os ensinamentos dos representantes da teologia Latina, a Virgem Maria, na obra da Redenção, é colocada lado a lado com o próprio Cristo e é exaltada em *equidade com Deus*. Não é possível ir além disso. Se tudo isso não tivesse sido definido como dogma da igreja Romana até agora, o ainda Papa Pio IX, tendo dado o primeiro passo nessa direção, mostrou o caminho para o desenvolvimento futuro do ensinamento de sua igreja, e indiretamente confirmou o ensinamento citado acima sobre a Virgem Maria.

Portanto, a igreja Romana, em seus esforços para exaltar a Santíssima Virgem, está no caminho de Sua completa *deificação*. E mesmo se agora suas autoridades chamam Maria de um complemento da Santa Trindade, deve-se esperar que em breve Ela será venerada como Deus.

Nesse mesmo caminho entrou um grupo de pensadores que, até então, pertenciam à Igreja Ortodoxa, mas que estão construindo um novo sistema teológico tendo como sua fundação os ensinamentos filosóficos de Sophía, Sabedoria, como um poder especial vinculando a Divindade e a criação. Bem como desenvolver o ensinamento sobre a dignidade da Mãe de Deus, eles desejam ver n'Elas uma Essência que é de alguma forma o meio termo entre Deus e homem. Em algumas questões eles são mais moderados do que os teólogos Latinos, mas em outras, se permitido, eles já deixaram eles para trás. Enquanto negando o ensinamento da Imaculada Conceção e a liberdade do pecado original, eles ainda ensinam a Sua liberdade completa dos pecados pessoais, vendo-A como Intermediária entre homem e Deus, como Cristo: na pessoa de Cristo apareceu sobre a Terra a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, o Verbo Pré-Eterno, o Filho de Deus; enquanto que o Espírito Santo é manifestado através da Virgem Maria.

Nas palavras de um dos representantes desta tendência, quando o Espírito Santo veio habitar na Virgem Maria, Ela adquiriu “uma vida diática, humana e divina; isto é, Ela foi completamente deificada, pois em Seu ser hipostático estava manifesto a revelação viva e criativa do Espírito Santo” (Arcebispo Sergei Bulgakov, *The Burning Bush*, 1927, p. 154). “Ela é a perfeita manifestação da Terceira Hipóstase” (Ibid., p. 175), “uma criatura, mas também não mais uma criatura” (p. 191). Esse esforço para a deificação da Mãe de Deus é observado

principalmente no Ocidente, onde ao mesmo tempo, por outro lado, várias seitas de caráter Protestante estão tendo grande sucesso, junto com os carros-chefes do Protestantismo, o Luteranismo e o Calvinismo, que em geral negam a veneração da Mãe de Deus e o chamado à Ela em oração.

Mas nós podemos dizer com às palavras de Santo Epifânio do Chipre: “Há um dano igual em ambas essas heresias, tanto quando os homens diminuem a Virgem, e quando, do contrário, A glorificam além do que é próprio” (Panarion, “Against the Collyridians”). Esse Santo Padre acusa aqueles que dão a Ela quase uma adoração divina: “Deixe Maria ser honrada, mas deixe a *adoração* ser dada ao Senhor”⁶ (mesma fonte). “Embora Maria seja o receptáculo escolhido, Ela ainda era uma mulher em sua natureza, que não deve ser distinguida dos outros. Embora a história de Maria e da Tradição relata que seu foi dito ao Seu pai no deserto, ‘Tua esposa concebeu’, isso não foi feito sem uma união matrimonial e não sem a semente do homem” (mesma fonte). “Não se deve venerar os santos além do que é apropriado, mas deveriam venerar ao seu Senhor. Maria não é Deus, e não recebeu um corpo dos céus, mas da união entre o homem e a mulher; e de acordo com a premissa, como Isaque, Ela foi preparada para tomar parte na Divina Economia. Mas, por outro lado, não deixe que ninguém se atreva a ofender a Santa Virgem” (São Epifânio, “Against the Antidikomarionites”).

A Igreja Ortodoxa, exaltando grandemente a Mãe de Deus em seus hinos de louvor, não se atreve a atribuir à Ela aquilo que não foi comunicado sobre Ela pela Sagrada Escritura ou pela Tradição. “A verdade é estranha a todos exageros, bem como a todos os eufemismos. Dá a tudo uma medida correta e um local de

⁶ “Let Mary be in honor, but let worship be given to the Lord”

encaixe” (Santo Inácio Brianchaninov). Glorificando a imaculabilidade da Virgem Maria e a virilidade diante dos sofrimentos em Sua vida terrena, os Pais da Igreja, por outro lado, rejeitaram a ideia de que Ela era intermediária entre Deus e homem, no sentido da Redenção conjunta da raça humana. Falando de sua preparação para morrer junto com Seu Filho e sofrer com Ele pela salvação de todos, o renomado Pai da Igreja Ocidental, Santo Ambrósio, Bispo de Milão, cita: “Os sofrimentos de Cristo não precisaram de ajuda, já que o Senhor profetizou sobre isso muito antes: *“Olhei, então, e não houve pessoa alguma para me ajudar; estranhei que ninguém me viesse amparar; então, apelei para meu braço e achei forças na minha indignação (Is. 63:5)”* (Santo Ambrósio, “Concerning the Upbringing of the Virgin and the Ever-Virginity of Holy Mary”, cap. 7).

Esse mesmo Santo Padre ensina sobre a universalidade do pecado original, o qual apenas Cristo é uma exceção. “De todos nascidos de uma mulher, não há um sequer perfeitamente santo, salvo o Senhor Jesus Cristo, o Qual em uma nova maneira de parto imaculado, não experimentou a mácula terrena” (Santo Ambrósio, *Comentário sobre Lucas*, cap. 2). “Apenas Deus não tem pecados. Todos nascidos da maneira usual do homem e da mulher, isto é, da união da carne, se tornam culpados do pecado. Consequentemente, Ele que não tem pecado não foi concebido desta maneira” (Santo Ambrósio, Ad. Aug. “Sobre o Casamento e a Concupiscência”). “Apenas um Homem, Intermediário entre Deus e homem, é livre dos laços do nascimento pecaminoso, pois Ele nasceu de uma Virgem, e por assim ter nascido Ele não experienciou o toque do pecado” (Santo Ambrósio, *Ibid.*, Livro 2: “Contra Juliano”).

Outro renomado doutor da Igreja, especialmente venerado no Ocidente, Santo Agostinho, escreve: “Quanto aos

outros homens, exceto Ele que é a pedra angular, não vejo para eles outro meio de se tornarem templos de Deus, e serem moradas de Deus exceto pelo renascimento espiritual, o qual deve ser precedido por um nascimento carnal. Portanto, não importa o quanto pensamos sobre crianças que estão no ventre de suas mães, e embora pela palavra do sagrado Evangelista que diz que João Batista pulou de alegria no ventre de sua mãe (que não ocorreu de outra forma senão pela ação do Espírito Santo), ou pela palavra do Senhor, dita a Jeremias: *Eu te santifiquei antes que saísse do ventre de tua mãe* (Jr. 1:5)—não importa o quanto isso possa dar ou não uma base para pensar que as crianças nessa condição são capazes de certa santificação, ainda, em qualquer caso, não pode ser duvidado que a santificação pela qual todos nós unidos, e todos nós separados nos tornamos templos de Deus é possível apenas para aqueles que renascem, e renascer sempre pressupõe nascer. Apenas aqueles que já nasceram podem ser unidos com Cristo e estar em união com esse Divino Corpo que faz de Sua Igreja o templo vivo da majestade de Deus” (Santo Agostinho, Carta 187).

As palavras acima citadas dos antigos doutores da Igreja testificam que mesmo no Ocidente o ensinamento que é agora popular foi anteriormente rejeitado. Até mesmo depois da separação da igreja Ocidental, Bernardo, que é reconhecido lá como grande autoridade, escreveu: “Eu agora estou amedrontado, vendo que certos de vocês desejam mudar a condição de assuntos importantes, introduzindo um novo festival desconhecido para a Igreja, desaprovado por razão, injustificado pela antiga tradição. Somos realmente mais aprendidos e piedosos do que nossos pais? Você dirá, ‘Deve-se glorificar a Mãe de Deus tanto quanto possível’. Isso é verdade; mas a glorificação dada à Rainha dos

Céus demanda discernimento. Essa Real Virgem⁷ não necessita qualquer falsa glorificação, possuindo como Ela possui, verdadeiras coroas de glória e sinais de dignidade. Glorifique a pureza de Sua carne e a santidade de Sua vida. Maravilhe-se com a abundância de dons dessa Virgem; venere Seu Divino Filho; exalte Ela que concebeu sem conhecer a concupiscência e deu a luz sem conhecer a dor. Mas o que alguém ainda precisa adicionar a essas dignidades? As pessoas dizem que devemos reverenciar a concepção que precedeu o parto; pois se a concepção não houvesse precedido, o parto também não teria sido glorioso. Mas o que diriam se alguém, por alguma razão, pedisse o mesmo tipo de veneração para o pai e a mãe da Santa Maria? Deve-se igualmente demandar o mesmo para Seus avós e bisavós, para a infinitude. Além disso, como pode não haver pecado em um lugar onde houve concupiscência? Ainda mais, não deixe dizer que a Santa Virgem foi concebida do Espírito Santo e não do homem. Eu digo decisivamente que o Espírito Santo veio sobre Ela, mas não que Ele veio com Ela.”

“Eu digo que a Virgem Maria não poderia ter sido santificada antes de Sua concepção, visto que ela ainda não existia. Se, além disso, Ela não pode ser santificada no momento de Sua concepção por razão do pecado que é inseparável da concepção, então permanece a crença de que Ela foi santificada após ter sido concebida no ventre de Sua mãe. Essa santificação, se aniquila o pecado, torna santo Seu nascimento, mas não Sua concepção. A ninguém é dado o direito de ser concebido em santidade; apenas o Senhor Cristo foi concebido pelo Espírito Santo, e apenas Ele é santo desde de Sua concepção. Excluindo Ele, é para que todos os descendentes de Adão sejam referidos por aquilo que um deles diz

⁷ Real no sentido de realeza, nobreza: Royal.

de si mesmos, tanto em humildade quanto em reconhecimento da verdade: Eis que fui concebido em iniquidades (Sl. 50:7). Como pode alguém demandar que essa concepção seja sagrada, quando não foi obra do Espírito Santo, sem mencionar que veio de concupiscência? A Santa Virgem, é claro, rejeita aquela glória que, evidentemente, glorifica o pecado. Ela não pode, de qualquer forma, justificar uma novidade inventada apesar do ensinamento da Igreja, uma novidade que é a mãe da imprudência, a irmã da infidelidade, e a filha da leviandade.” (Bernardo, Epístola 174; citado, como foram as referências de Santo Agostinho e Lebedev). As palavras acima citadas claramente revelam tanto a novidade e o absurdo do novo dogma da igreja Romana.

O ensinamento da completa impecabilidade da Mãe de Deus (1) não corresponde à Sagrada Escritura, onde é repetidamente mencionada a impecabilidade do *Mediador entre Deus e homem, o homem Jesus Cristo* (1Tm. 2:5); e *n’Ele não há pecado* (I João 3:5); *Ele não cometeu pecado, nem se achou falsidade em sua boca* (I Pedro 2:22); *Um que passou pelas mesmas provas que nós, com exceção do pecado* (Hb. 4:15); *Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nele nós nos tornássemos justiça de Deus* (2Co. 5:21). Mas, em relação ao resto dos homens é dito, Quem é puro da impureza? Ninguém que tenha vivido um só dia de sua vida na Terra (Jó 14:4). *Deus deu do seu próprio amor por nós, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós... Se, quando éramos ainda inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, com muito mais razão, estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida* (Rm 5:8-10).

(2) Esse ensinamento contradiz também a *Sagrada Tradição*, que está contida em numerosos escritos Patrísticos, onde é mencionada a exaltada santidade da Virgem Maria desde

Seu nascimento, bem como Sua limpeza pelo Espírito Santo na Sua Concepção de Cristo, mas não em sua concepção por Ana. “Não há nenhum sem a mancha diante de Ti, embora sua vida tenha sido um só dia, salve a Ti apenas, Jesus Cristo nosso Deus, que chegou a Terra sem pecado, e em quem todos confiamos para obter a misericórdia e a remissão dos pecados” (São Basílio, o Grande, Terceira Reza das Vésperas de Pentecostes). “Mas quando Cristo através de uma pura, virgem, solteira, temente a Deus, imaculada Mãe sem casamento e sem pai, e na medida em que lhe convinha nascer, Ele purificou a natureza feminina, rejeitou a amargura de Eva e jogou fora as leis da carne” (São Gregório, o Teólogo, “In Praise of Virginity”). Porém, mesmo então, como São Basílio e João Crisóstomo falam, Ela não foi colocada no estado de ser impossibilitada de pecar, mas continuou se importando com Sua salvação e superou todas as tentações (São João Crisóstomo, *Comentário sobre João*, Homilia 85; São Basílio, o Grande, Epístola 160).

(3) O ensinamento que a Mãe de Deus foi purificada antes de Seu nascimento, para que então d’Ela pudesse ter nascido o Puro Cristo, não tem sentido; pois, se o Puro Cristo apenas pudesse nascer se a Virgem pudesse nascer pura, isso tornaria necessário que Seus pais também deveriam ser puros do pecado original, e eles também teriam que ter nascidos de pais purificados, e assim por diante, teríamos que concluir que Cristo não poderia ter encarnado a menos que todos os Seus ancestrais na carne, até Adão, inclusive, tivessem sido purificados do pecado original anteriormente. Mas então não haveria nenhuma necessidade para a própria encarnação de Cristo, visto que Cristo desceu à Terra para acabar com o pecado.

(4) O ensinamento de que a Mãe de Deus foi preservada do pecado original, assim como o ensinamento de que Ela foi

preservada pela graça de Deus dos pecados pessoais, *torna Deus não misericordioso e injusto*; porque se Deus pudesse preservar Maria do pecado e purificá-La antes de Seu nascimento, então por que não purificou os outros homens antes de seus nascimentos, mas prefere deixá-los no pecado? Segue-se também à ideia que Deus salva os homens à parte da vontade deles, predeterminando alguns deles antes de seu nascimento para a salvação.

(5) Esse ensinamento, que parece ter o objetivo de exaltar a Mãe de Deus, na verdade completamente *nega todas Suas virtudes*; Afinal, se Maria, ainda no ventre de Sua mãe, quando Ela não podia nem mesmo desejar nada, nem bom nem mau, foi preservada pela graça de Deus de toda impureza, e então que pela graça foi preservada de todo o pecado após Seu nascimento, então em que consiste Seu mérito? Se Ela tivesse sido colocada em um estado incapaz de pecar, e não pecasse, então para que Deus a glorificou? Se Ela, sem qualquer esforço, e sem ter qualquer impulso de pecar, permaneceu pura, então por que Ela é coroada mais que todos os outros? Não há vitória sem adversário.

A justiça e a santidade da Virgem Maria foram manifestadas no fato de que Ela, sendo “humana com paixões como nós”, amou tanto a Deus e deu Ela mesma para Ele, que por Sua pureza Ela foi exaltada mais alto do que o resto dos humanos. Para isso, tendo sido pré-reconhecida e predestinada, Ela foi digna de ser purificada pelo Espírito Santo, que veio sobre Ela, e para conceber d’Ele o próprio Salvador do mundo. O ensinamento da graça dada pela impecabilidade da Virgem Maria nega Sua vitória sobre as tentações; a partir de um vencedor que é digno de ser coroado com coroas de glória, isso torna Ela mero instrumento cego da Divina Providência.

Não é uma exaltação e uma glória maior, mas uma *diminuição* d’Ela, esse “presente” que foi dado pelo Papa Pio IX e

por todos os outros que pensam que podem glorificar a Mãe de Deus buscando novas verdades. A Santíssima Virgem Maria foi tão glorificada pelo próprio Deus, tão exaltada é Sua vida na Terra e Sua glória no Céu, que invenções humanas não podem acrescentar nada para Sua honra e glória. Aquilo que as pessoas inventam apenas obscurece Sua Face⁸ dos seus olhos⁹. *Ninguém vos roube a seu bel-prazer a palma da corrida, sob pretexto de humildade e culto dos anjos. Desencaminham-se estas pessoas em suas próprias visões e, cheias do vão orgulho de seu espírito materialista*, escreve o Apóstolo Paulo, pelo Espírito Santo (Cl. 2:18).

Tal “engano vão” é o ensinamento sobre a Imaculada Conceção por Ana da Virgem Maria, que à primeira vista exalta, mas que na verdade À diminui. Como toda mentira, é uma semente do “pai da mentira” (João 8:44), o demônio, que teve sucesso nisso desviando muitos que não entendem que blasfemam a Virgem Maria. Junto disso devemos rejeitar todos os ensinamentos que vieram disso ou que são aparentados a isso. O esforço para exaltar a Santíssima Virgem em equidade com Jesus, atribuindo Suas torturas maternas na Cruz uma significância igual aos sofrimentos de Jesus, pois o Redentor e a “Co-Redentora” sofreram igualmente, de acordo com o ensinamento dos Papistas, ou que “a natureza humana da Mãe de Deus no céu, junto como Deus-homem Jesus revelam em conjunto a plena imagem do homem” (Arcebispo Bulgakov, *The Unburnt Bush*, p. 141)—é também um engano vão e uma sedução da filosofia. Em Cristo Jesus *não havia nem homem nem mulher* (Gl. 3:28), e Cristo redimiu toda a raça humana; portanto, em Sua

⁸ Isto é, a face da Santíssima Virgem.

⁹ Os olhos humanos, nossos olhos.

Ressurreição, igualmente “Adão dança de alegria e Eva regozija-se” (Domingo Kontakion, Primeira e Terceiros Tons), e por Sua Ascensão o Senhor elevou toda a natureza humana.

Da mesma forma, a Mãe de Deus ser “um complemento da Santíssima Trindade” ou uma “quarta Hipóstase”; que “o Filho e a Mãe são uma revelação do Pai através de uma Segunda e Terceira Hipóstase”; que a Virgem Maria é “uma criatura, mas não mais uma criatura”—é tudo isso fruto de vil, falsa sabedoria que não está satisfeita com aquilo que a igreja herdou do tempo dos Apóstolos, mas que esforça-se em glorificar a Santa Virgem mais do que Deus glorificou Ela.

Assim cumprem-se as palavras de Santo Epifânio do Chipre: “Certos insensatos em suas opiniões sobre a Santa Sempre Virgem esforçaram-se e esforçam-se para colocá-La no lugar de Deus” (São Epifânio, “Against the Antidikomarionites”). Mas aquilo que é oferecido à Virgem não tem sentido, ao invés de elogiá-La, se transforma em blasfêmia; e a Toda Imaculada rejeita a mentira, sendo a Mãe da Verdade (João 14:6).



São Joaquim e Santa Ana, os pais da Theotokos.
Comemorado em 9 de Setembro.
Ícone russo do século XV.

VII

A Veneração Ortodoxa da Mãe de Deus

A IGREJA ORTODOXA ensina sobre a Mãe de Deus aquilo que a Sagrada Tradição e a Sagrada Escritura nos informaram sobre Ela, e assim a Igreja glorifica Ela diariamente em seus templos, pedindo à Ela ajuda e proteção. Sabendo que Ela apenas se agrada com louvores que correspondem a Sua verdadeira glória, os Santo Padres e os compositores de hinos rogaram à Ela e ao Seu Filho para que os ensinassem hinos. “Levanta uma proteção em meu entorno, ó meu Cristo, pois fui ousado em cantar o louvor de Tua pura Mãe” (Ikos da Dormição). “A Igreja ensina que Cristo nasceu verdadeiramente da Sempre Virgem Maria” (São Epifânio, “A Verdadeira Palavra sobre a Fé”). “É essencial que nós confessemos a Sempre Virgem Maria como sendo a verdadeira Theotokos (Mãe de Deus), para que não caíamos em blasfêmia. Aqueles que negam que a Santa Virgem seja realmente a Theotokos não são mais fiéis, mas discípulos de fariseus e saduceus” (Santo Efraim, o Sírio, “A João, o Monge”).

Da Tradição é sabido que Maria era filha dos idosos Joaquim e Ana, e que Joaquim descendia da linhagem real de

David, e Ana de uma linhagem sacerdotal. Apesar de tão nobre origem, eles eram pobres. Porém, isso não entristecia os justos, mas sim o fato de que eles não tinham filhos e não podiam esperar que seus descendentes veriam o Messias. E eis que, certa vez, sendo desdenhados pelos Hebreus por sua esterilidade, ambos com a aflição de suas almas ofereciam orações para Deus—Joaquim em uma montanha para a qual ele havia se retirado após um clérigo se negar a oferecer seu sacrifício no Templo, e Ana no próprio jardim chorando por sua esterilidade—ali apareceu a eles um anjo que os informou que eles dariam vida a uma filha. Cheios de alegria, eles prometeram consagrar sua criança para Deus.

Em nove meses uma filha nasceu, chamada Maria, que desde de Sua infância manifestava as melhores qualidades da alma. Quando Ela tinha três anos, Seus pais, cumprindo sua promessa, solenemente levaram a pequena Maria para o Templo de Jerusalém; Ela mesma subiu os altos degraus, por revelação de Deus, Ela foi guiada até o Santo dos Santos, pelo Sumo Sacerdote que a recebeu, levando com Ela a graça de Deus, que recaiu sobre Ela no Templo, que até então não tinha graça. (Veja o Kontakion da Entrada do Templo. Esse era o recém construído Templo, no qual a glória de Deus ainda não havia recaído como havia sobre a Arca ou sobre o Templo de Salomão.) Ela instalou-se nos aposentos das virgens que havia no Templo, mas Ela passou tanto tempo em oração no Santo dos Santos que alguém poderia dizer que Ela vivia nele (Ofício da Entrada, segundo sticheron do Senhor, "eu clamei" e o "Glória, agora e sempre..."). Sendo adornada com todas as virtudes, Ela manifestou um exemplo de

uma vida extraordinariamente pura. Sendo mansa e obediente a todos, Ela não ofendeu a ninguém, não disse palavra grosseira a ninguém, era amigável a todos, e não permitia nenhum pensamento impuro (Resumido de Santo Ambrósio de Milão, “Sobre a Perpétua Virgindade da Virgem Maria”).

“Apesar da retidão e da imaculabilidade de vida que a Mãe de Deus levava, o pecado e a morte eterna manifestaram sua presença n’Ela. Não havia outro jeito: tal é o ensinamento preciso e fiel da Igreja Ortodoxa sobre a Mãe de Deus com respeito ao pecado original e a morte” (Santo Ignácio Brianchaninov, “Exposição do Ensinamento da Igreja Ortodoxa sobre a Mãe de Deus”). “Estranha a qualquer queda em pecado” (Santo Ambrósio de Milão, *Comentário* sobre o Salmo 118), “A Ela não eram estranhas as tentações pecaminosas”. “Somente Deus é sem pecado”, (Santo Ambrósio, mesma fonte), enquanto o homem sempre terá em si algo que necessita correção e aperfeiçoamento, para que se cumpra o mandamento de Deus: *Santos sereis, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo* (Levítico 19:2). Quanto mais puro e perfeito se é, tanto mais se notarão as imperfeições e tanto mais se há de considerar indigno.

A Virgem Maria, tendo entregue-Se por completo a Deus, mas, embora tenha expulsado de Si todo impulso ao pecado, sentia a fraqueza da natureza ainda mais intensamente que os demais, desejando ardentemente a vinda do Salvador. Em sua humildade, ela considerava-se indigna até mesmo de ser a serva Virgem que daria a luz a Ele. De maneira que nada pudesse distraí-La da oração e da vigilância, Maria prometeu não se casar, a

fim de agradá-Lo por toda a vida. Ao ser prometida noiva ao velho José, quando sua idade não mais permitia que permanecesse no Templo, Ela se estabeleceu em sua casa, em Nazaré. Foi lá que à Virgem foi concedida a vinda do Arcanjo Gabriel, que lhe contou as boas novas do nascimento virginal, isto é, do Filho do Altíssimo. Salve, cheia de graça, o Senhor é contigo. *Bendita és tu entre as mulheres... Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus* (Lucas 1:28-35).

Maria recebeu as boas novas angelicais humilde e mansamente. “Então, o Verbo, de maneira que Lhe é conhecida, desceu e, como Ele mesmo quisesse, entrou em Maria e habitou nela” (Santo Efraim, o Sírio, “Louvor à Mãe de Deus”). “Assim como o relâmpago ilumina o que está oculto, assim também Cristo purifica o que está oculto na natureza das coisas. Ele também purificou a Virgem, preparando-A pelo Espírito Santo, e Seu ventre, tornando-se puro, concebeu a Ele. Não digo que Maria se tornou imortal, mas, iluminada pela graça, digo que Ela não foi perturbada por desejos pecaminosos” (Santo Efraim, o Sírio, “Homilia contra os Heréticos”, 41). “A Luz habitou nela, purificou sua mente, tornou puros seus pensamentos, tornou castos seus interesses, santificou sua virgindade” (Santo Efraim, o Sírio, “Maria e Eva”). “Pura segundo o entendimento humano, Ele a tornou pura pela graça” (Santo Ignácio Brianchaninov, “Exposição do Ensino da Igreja Ortodoxa sobre a Mãe de Deus”).

Maria não contou a ninguém a aparência do anjo, mas o próprio anjo revelou a José a concepção miraculosa de Maria a partir do Espírito Santo (Mateus 1:18-25); e, após a Natividade de Cristo, juntamente com uma multidão dos exércitos celestiais, ele anunciou aos pastores. Os pastores, ao virem para adorar o recém-nascido, disseram que ouviram falar d'Ele. Tendo anteriormente permanecido em silêncio, Maria agora também ouvia em silêncio e *mantinha em Seu coração* o dizeres sobre a grandiosidade de Seu filho (Lucas 2:8-19). Quarenta dias mais tarde, Ela ouviu o louvor de Simeão e a profecia sobre a arma que transpassaria Sua alma. Mais tarde, Ela viu como Jesus avançava em sabedoria; Ela O ouviu pregando no Templo, com doze anos de idade, e a tudo *Ela mantinha em Seu coração* (Lucas 2:21-51).

Embora cheia de graça, Ela não compreendeu plenamente em quê o serviço e a grandeza de Seu Filho consistiriam. As concepções hebraicas do Messias ainda Lhe eram próximas, e os sentimentos naturais A forçaram a se preocupar com Ele, preservando Ele de esforços e perigos. Assim, Ela protegia Seu Filho involuntariamente no início, o que evocou Seu ensinamento sobre a superioridade do espiritual sobre a filiação corporal (Mateus 12:46-49). “Ele também se preocupava com a honra de Sua Mãe, mas ainda mais Lhe preocupava a salvação de Sua alma e dos homens de bem, pois para isso vestiu-se de carne” (São João Crisóstomo, *Comentário sobre João*, Homilia 21). Maria entendeu isso e *ouviu a palavra de Deus e a manteve* (Lucas 11:27-28). Como ninguém, Ela tinha os mesmos sentimentos de Cristo (Filipenses 2:5), sem murmurar suportando a dor de uma

mãe quando viu Seu Filho ser perseguido e sofrendo. Regozijando-se no dia da Ressurreição, no dia de Pentecostes Ela estava revestida de *poder vindo do alto* (Lucas 24:49). O Espírito Santo que desceu sobre Ela *ensinou-Lhe todas as coisas* (João 14:26). e *instruiu-A em todas as verdades* (João 16:13). Sendo iluminada, Ela se esforçou com ainda mais zelo a fim de desempenhar o que ouviu de Seu Filho e Redentor, e ascender a Ele para com Ele estar.

O fim da vida terrena da Santíssima Mãe de Deus foi o começo de Sua grandiosidade. “Sendo adornada com Divina glória” (Irmos do Cânon da Dormição), Ela permanece e permanecerá, tanto no dia do Juízo Final quanto nos tempos futuros, no lado direito do trono de Seu Filho. Ela reina com Ele e é ousada para com Ele, como Sua Mãe, de acordo com a carne, e em um só espírito com Ele, como aquela que cumpre a vontade de Deus e instrui os demais (Mateus 5:19). Misericordiosa e cheia de amor, Ela manifesta Seu amor ao Seu Filho e Deus no amor pela raça humana. Ela intercede pela raça humana diante do Misericordioso enquanto, na terra, auxilia os homens.

Tendo experienciado todas as dificuldades da vida terrena, o Intercessor dos Cristãos vê toda lágrima, ouve todo gemido e súplica a Ela direcionados. Especialmente próximos a Ela estão aqueles que se esforçam na batalha contra as paixões e são zelosos por uma vida agradável a Deus. No entanto, até mesmo em questões mundanas Ela é uma auxiliadora insubstituível. “Alegria de todos os que sofrem e intercessora pelos ofendidos, alimentadora dos famintos, consolação dos viajantes, porto seguro

em meio a tempestades, visita  o dos doentes, prote  o e intercessão dos enfermos, apoio dos idosos, Tu   s a Mãe de Deus nas alturas,    Puríssima” (Sticheron do Ofício    Hodigitria). “Esperança e intercessão e refúgio dos cristãos”, “A Mãe de Deus incessante em ora  o” (Kontakion da Dormi  o), “salvando o mundo por Tua ora  o incessante” (Theotokion do Terceiro Tom). “Ela ora dia e noite por nós, e os cetros dos reinos são confirmados por Suas ora  o” (Serviço diário da Meia-Noite).

Não há intelecto ou palavras para expressar a grandeza d’Ela que nasceu na pecaminosa raça humana mas se tornou “mais honr  vel que os Querubins e incomparavelmente mais gloriosa que os Serafins”. “Vendo a graça dos mistérios ocultos de Deus se manifestar e se cumprir na Virgem, eu regozijo; e não sei como entender a maneira estranha e secreta por meio da qual o Incorr  pto foi revelado como o único escolhido acima de toda cria  o, visível e espiritual. Portanto, desejando louvá-La, torno-me mudo de assombro em mente e voz. Mesmo assim, atrevo-me a proclamá-La e a magnific  -La: Ela    verdadeiramente o Tabernáculo celeste” (Ikos da Entrada no Templo). “Toda língua fracassa ao louvar-te como deveria; até mesmo um espírito do alto tem vertigens quando canta teus louvores,    Theotokos. Mas como Tu   s boa, aceita nossa fé. Tu conheces como ninguém nosso amor inspirado por Deus, pois Tu   s a Protetora dos cristãos, e nós Te magnificamos” (Irmos do 9   Cântico, Ofício da Teofania).



Cópia moderna do Ícone da Theotokos “Do Sentimento Terno”
 (“Alegria de Todas as Alegrias”), diante do qual São Seraphim de
 Sarov repousou em oração em 1833.
 Comemorado em 28 de Julho.



A “Ternura” (“Misericordiosa e Amante do Homem”) Ícone da Theotokos, pintado pelo iconógrafo do século XX Pimen M. Sofronov. Comissionado por São João Maximovitch, esse ícone estava na iconóstase original da Catedral da Mãe de Deus “Alegria de Todos os que Sofrem”, de São João, em San Francisco.

AKATHISTOS

À Santíssima Mãe de Deus

O Hino AKATHISTOS, que literalmente significa “estando de pé”, (porque se canta nesta posição) é o hino mariano mais famoso do Oriente cristão e, possivelmente, de toda a Igreja. Composto originalmente em grego, no final do séc. V, é de autor desconhecido. Sua autoria é atribuída a diversos personagens, porém não há nenhuma prova concludente e, possivelmente, seja melhor assim.

TROPÁRIO

A Ti, Maria, como ao general invencível,
meus cantos de vitória!

A Ti, que me livraste de meus males,
ofereço meus cantos de reconhecimento!

Pois que tens uma força invencível,
livra-me de toda espécie de perigos,

a fim de que te aclame:

Ave, Virgem e Esposa!

«O ANÚNCIO DO ANJO GABRIEL»

O mais sublime dos anjos
foi enviado dos céus para dizer «Ave» à Mãe de Deus.
Vendo-te, Senhor, feito homem
à sua angélica saudação,
deteve-se extasiado diante da Virgem,
aclamando-a assim:

Ave, por ti resplandece a alegria!
Ave, por ti a maldição toda cessa!
Ave, reergues o Adão decaído!
Ave, tu estancas as lágrimas de Eva!
Ave, mistério que excede o intelecto humano!
Ave, insondável abismo aos olhares dos anjos!
Ave, porque és o trono do Rei soberano!
Ave, porque tu governas quem tudo governa!
Ave, ó estrela que o sol anuncias!
Ave, em teu seio é que Deus se fez carne!
Ave, por quem a criação se renova!
Ave, o Criador fez-se em ti criancinha!
Ave, Virgem e Esposa!

ANTÍFONA I

Sabendo Maria de ser a Deus consagrada,
assim a Gabriel dizia:
«A tua mensagem é misteriosa aos meus ouvidos
e incompreensível ressoa à minha alma.
De uma Virgem um parto tu anuncias»,
exclamando: Aleluia!

«MARIA E O ANÚNCIO DO ANJO»

Desejava a Virgem entender o mistério,
e ao divino mensageiro pergunta:
«Poderá uma virgem
dar à luz um menino? –Dize-me!».
Com reverência, o Anjo respondia,
cantando assim:
Ave, mistério, vontade inefável!
Ave, ó fé maturada em silêncio!
Ave, prelúdio dos faustos de Cristo!
Ave, sumário do santo Evangelho!
Ave, ó escada sublime por quem Deus nos veio!
Ave, ó ponte que os homens ao céu encaminha!
Ave, dos Anjos tu és maravilha gloriosa!
Ave, do inferno derrota total contundente!
Ave, que a Luz por mistério geraste!

Ave, que o «modo» a ninguém ensinaste!
Ave, transcendes a ciência dos sábios!
Ave, iluminas a todos os crentes!
Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA II

A virtude do Altíssimo
a cobriu com sua sombra
e tornou Mãe a Virgem sem núpcias:
o seio por Deus fecundado
tornou-se campo abundante
para todos aqueles que buscam a salvação
e assim aclamam: Aleluia!

«VISITA DE MARIA A SUA PRIMA SANTA ISABEL»

Tendo em seu seio o Senhor,
solícita Maria visitava sua prima Isabel.
O menino no ventre materno,
ouvindo a saudação, exultou,
e, saltando de alegria,
à Mãe de Deus aclamava:
Ave, ó ramo de planta incorrupta!

Ave, do fruto imortal, colheita!
Ave, cultora do Mestre dos homens!
Ave, ó Mãe de quem deu-nos a vida!
Ave, ó campo veraz que produz muitos frutos!
Ave, ó mesa bem farta de perdões abundantes!
Ave, tu fazes florir as planícies celestes!
Ave, a nós todos preparas um porto seguro!
Ave, ó incenso das preces aceitas!
Ave, purificação do universo!
Ave, bondade de Deus pelos homens!
Ave, ante Deus, dos mortais és audácia!
Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA III

Com o coração tumultuando
e cheio de dúvidas,
o prudente José se debatia.
Sabe que és Virgem intacta
e suspeita secretos esponsais.
Conhecendo-te Mãe
pela ação do Espírito Santo, exclama: Aleluia!

«O ANÚNCIO ALEGRE AOS PASTORES»

Os pastores ouviram os coros dos anjos
que cantavam ao Senhor feito homem.

Correndo, vão ver o Pastor.

Contemplam o Cordeiro inocente
alimentando-se do seio materno
e à Virgem entoam um canto:

Ave, ó mãe do Pastor e Cordeiro,

Ave, és aprisco da Mística Ovelha,

Ave, preservas do oculto inimigo,

Ave, ó chave das portas celestes.

Ave, por ti congratula-se o céu com a terra,

Ave, por ti, terra e céu, em uníssono cantam,

Ave, do apóstolo, boca jamais silenciosa,

Ave, invencível coragem dos mártires todos.

Ave, da fé inabalável baluarte,

Ave, da graça, fulgente estandarte,

Ave, por ti foi o inferno espoliado,

Ave, nos tens revestido de glória.

Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA IV

Observando a estrela
que a Deus os guiava,
os magos seguiram seu fulgor.
Era lâmpada segura em seu caminho,
que os conduziu ao Rei poderoso.
Chegados ao Deus inatingível,
o aclamam felizes: Aleluia!

«A ADORAÇÃO DOS MAGOS»

Contemplaram os magos, no colo materno,
Aquele que plasmou o homem em suas mãos.
Compreenderam ser ele o seu Senhor,
escondido sob o aspecto de servo.
Solícitos, oferecem-lhe seus dons
e à Mãe aclamam:
Ave, que a estrela perene geraste!
Ave, és aurora do místico dia!
Ave, que a forja do engano extinguistes!
Ave, o mistério de Deus iluminas!
Ave, o tirano inimigo dos homens destronas!
Ave, que o Cristo, mostraste Senhor nosso amigo!
Ave, resgatas do culto selvagem aos deuses!
Ave, teus filhos libertas do ataque do mal!

Ave, que o culto do fogo extinguistes!
Ave, que aplacas o fogo dos vícios!
Ave, que educas o crente a ser casto!
Ave, alegria de todos os povos!
Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA V

Mensageiros de Deus
tornaram-se os magos
de volta para suas terras.
Cumpru-se o antigo oráculo
quando a todos falavam de Cristo,
sem pensar no estulto Herodes,
incapaz de cantar: Aleluia!

«FUGA PARA O EGITO»

Egito tu iluminas com o resplendor da verdade,
afugentando as trevas do erro.
À tua passagem os ídolos caíam
não podendo te suportar, Senhor.
E os homens, libertados do engano,
à Virgem aclamam:
Ave, reergues o gênero humano!

Ave, ruína total dos demônios!
Ave, esmagaste a potência enganosa!
Ave, que o logro dos ídolos mostras!
Ave, ó mar que afogou o faraó demoníaco!
Ave, rochedo a saciar os sedentos de vida!
Ave, coluna de fogo a guiar os errantes!
Ave, és abrigo do mundo, mais amplo que as nuvens!
Ave, o maná verdadeiro nos deste!
Ave, nos serves delícias sagradas!
Ave, ó terra por Deus prometida!
Ave, ó fonte do mel e do leite!
Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA VI

Simeão, o velho,
já no fim dos seus dias,
estava para deixar a sombra deste mundo.
A ele foste apresentado como Menino,
mas, vendo-te qual Deus poderoso,
admirou o arcano desígnio e exclamava: Aleluia!

«A VIRGINDADE FECUNDA DE MARIA»

Renovou o Excelso as leis deste mundo
quando veio habitar entre nós.
Germinado no seio de uma Virgem,
conserva-o intacto como sempre o fora.
Nós, admirados por este prodígio,
à Virgem santa cantamos:
Ave, ó flor da total virgindade!
Ave, protótipo da castidade!
Ave, da ressurreição, claro emblema!
Ave, que a vida dos Anjos revelas!
Ave, frutífera planta, alimento do crentes!
Ave, ó árvore umbrosa que abrigas a muitos!
Ave, teu seio carrega o mentor dos errantes!
Ave, que à luz deste o libertador dos cativos!
Ave, que o justo Juiz nos abrandas!
Ave, perdão do relapso e contrito!
Ave, coragem dos desesperados!
Ave, és amor que preenche os desejos!
Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA VII

Contemplando o parto milagroso,
e afastados do mundo,
dirigimos a mente para o céu.
O Altíssimo apareceu entre nós
no humilde aspecto humano de um pobre
e eleva ao mais alto da glória
aqueles que cantam: Aleluia!

«A MATERNIDADE DIVINA DE MARIA PARA A NOSSA SALVAÇÃO»

A Palavra de Deus infinito
habitava na terra e enchia os céus.
Sua descida amorosa até o homem
não fez mudar sua suprema morada.
Era o divino parto da Virgem
que ele ouvia cantar:
Ave, morada do Deus infinito!
Ave, ó porta do augusto mistério!
Ave, mensagem que inquieta os descrentes!
Ave, ufania e segurança dos crentes!
Ave, veículo santo do Altíssimo Filho!
Ave, mansão gloriosa do Verbo encarnado!
Ave, da virgem e mãe as grandezas reúne!

Ave, os contrários a um fim tão igual consorcias!

Ave, o pecado de Adão dissolveste!

Ave, por ti foi o céu reaberto!

Ave, ó chave do Reino de Cristo!

Ave, esperança dos bens sempiternos!

Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA VIII

Toda a multidão dos anjos,
admirada, contempla
o mistério de Deus encarnado.

Ao senhor inacessível,
feito homem, admira-o, acessível,
caminhar pelas sendas humanas,
ouvindo cantar: Aleluia!

«O MISTÉRIO DO PARTO VIRGINAL DE MARIA»

Os eloqüentes oradores,
como peixes emudecem
diante de ti, santa Mãe do Verbo.
Não compreendem como foi possível
permanecer Virgem depois de ser Mãe.

Nós, teus devotos, o prodígio admiramos
e com fé proclamamos:
Ave, sacrário da ciência divina
Ave, tesouro da fiel providência
Ave, os sapientes afirmas ignaros
Ave, os loquazes revelas vazios.
Ave, convences de inane a astuciosa palavra
Ave, que tornas sem nexo os criadores dos mitos
Ave, os astutos sofismas dos gregos desfazes
Ave, replenas as redes dos bons pescadores.
Ave, nos livras da imensa ignorância
Ave, iluminas inúmeras mentes
Ave, batel dos que querem salvar-se
Ave, ó porto dos nautas da vida.
Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA IX

Para salvar o mundo,
o Criador de todas as coisas
quis vir a ele.
Sendo Deus, tornou-se nosso Pastor
e apareceu entre nós como Cordeiro.
Sendo homem, atrai a si os homens
e como Deus ouve cantar: Aleluia!

«MARIA: MODELO DE PUREZA E SANTIDADE»

Ó Virgem, Mãe de Cristo,
vindo morar em teu seio,
o divino Criador te fez
o baluarte das virgens
e de quantos a ti recorrem.

Ele nos convida a cantar
em tua honra, ó Ilibada:

Ave, pilar da integral virgindade!

Ave, ó porta de quem quer salvar-se!

Ave, ó mestra das coisas sagradas!

Ave, doadora da Graça Divina!

Ave, dá a vida nova aos nascidos na culpa!

Ave, instrutora das mentes que estavam dispersas!

Ave, tu expulsas aqueles que a mente corrompe!

Ave, ó Mãe de Jesus, semeador de almas castas.

Ave, ó tálamo em núpcias virgíneas

Ave, que os crentes com Deus concílias

Ave, ideal pedagoga das virgens

Ave, que os santos recobres de bênçãos.

Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA X

É sempre inferior o canto
que presuma engrandecer
as tuas inúmeras virtudes.

Tantos como é a areia da praia
podem ser os nossos hinos, ó Rei Santo,
porém, nunca alcançariam as graças
que destes a quem canta: Aleluia!

«MARIA, MÃE DE QUEM NASCE NA IGREJA»

Como tocha luminosa
a iluminar os que jazem nas trevas,
resplandece a Virgem Maria.
Foi ela que acendeu a Luz eterna.
Seu fulgor ilumina as mentes
e é guia à sabedoria divina,
inspirando este canto:
Ave, do místico sol o lampejo!
Ave, ó astro da flama perene!
Ave, ó clarão que iluminas as almas!
Ave, trovão a assustar o inimigo.
Ave, tu fazes luzir esplendor fulgurante!
Ave, transbordas o rio com mil afluentes!

Ave, figura das águas do santo batismo!
Ave, tu lavas as manchas de nossos pecados.
Ave, lavacro que iliba a consciência!
Ave, ó taça que infunde alegria!
Ave, o perfume de Cristo recendes!
Ave, ó vida do sacro banquete.
Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA XI

Querendo nos perdoar o primeiro pecado,
Aquele que paga as dívidas de todos
busca asilo no meio dos seus trânsfugas,
exilando-se livremente do céu.
Rasgando o antigo rescrito,
ouve cantar: Aleluia!

«MARIA, PROTETORA E AUXÍLIO DE TODOS OS CRISTÃOS»

Glorificando o teu parto,
todo o universo te louva
qual tabernáculo vivente, ó Senhora.
Colocando sua morada no teu seio
Aquele que segura tudo em sua mão,

o Senhor, te fez santa e gloriosa,
e nos convida a te louvar:
Ave, ó casa de Deus e do Verbo!
Ave, ó santa mais santa que os santos!
Ave, no espírito, arca dourada!
Ave, infinito tesouro de vida.
Ave, precioso diadema dos reis piedosos!
Ave, louvor glorioso dos pios sacerdotes!
Ave, ó torre inconcussa da Igreja de Cristo!
Ave, tu és baluarte invencível do império.
Ave, troféus por ti conquistados!
Ave, por ti o inimigo é vencido!
Ave, remédio do corpo doente!
Ave, tu és a salvação de minha alma!
Ave, Virgem e esposa!

ANTÍFONA XII

Digna de todo louvor,
Santa Mãe do Verbo,
Santíssimo entre todos os Santos,
recebe, nesse canto, a nossa oferta.
Salva o mundo de todo perigo;
de todos os males e dos castigos futuros
livra-nos, a nós que cantamos: Aleluia!

E repete-se novamente o tropário:

TROPÁRIO

A Ti, Maria, como ao general invencível,
meus cantos de vitória!

A Ti, que me livraste de meus males,
ofereço meus cantos de reconhecimento!

Pois que tens uma força invencível,
livra-me de toda espécie de perigos,
a fim de que te aclame:
Ave, Virgem e Esposa!

ORAÇÃO

Ó gloriosa, sempre Virgem e bendita Mãe de Deus,
ofereça minhas orações a teu Filho e meu Deus,
e roga-lhe pela salvação de minha alma.

†O Pai é minha esperança,
o Filho é meu refúgio

e o Espírito Santo é meu amparo:

Santíssima Trindade, glória a Ti!

Em Ti deposito toda a minha esperança;
ó Mãe de Deus, guarda-me sob a tua proteção.



O Ícone de Vladimir da Theotokos de Belozersk (Lago Branco),
Rússia. Esse ícone pertenceu a São Cirilo do Lago Branco
(†1429), que tinha o costume de cantar o Akathisto para Mãe de
Deus todas as noites diante do ícone. Uma vez, enquanto cantava
o Akathisto diante do ícone, a Mãe de Deus se revelou a Ele e o
disse onde deveria se estabelecer. São Cirilo estabeleceu o
Monastério do Lago Branco no lugar que Ela havia indicado.



Ícone de Akathisto da Theotokos (626), do Monastério
Dionysiou, no Monte Athos, onde o Akathisto para a Mãe de
Deus tem sido cantado todos os dias por séculos.
Comemorado no 5º Sábado da Grande Quaresma.



O Ícone original da Mãe de Deus (1383), do Monastério Tikhvin, no sul da região de Ladoga, Rússia. Foi levado aos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, e foi entesourado na Catedral da Santíssima Trindade em Chicago até 2004, quando foi devolvido ao restaurado Monastério Tikhvin, na Rússia.

Comemorado em 26 de Junho.